



uma ilha de
PATERNIDADES

RELATÓRIO FINAL DO PROJETO “UMA ILHA DE PATERNIDADES”

Coordenação de conteúdo: Luciano Ramos

Elaboração: Camila Rebouças

RIO DE JANEIRO
AGOSTO, 2021

Realização



Parceiro realizador



Patrocínio



EXPEDIENTE

Instituto Promundo

SCN Quadra 01 Bloco E, Sala 202 – Edifício Central Park

CEP: 70711-903 Brasília, DF – Brasil

Miguel Fontes, PhD – Diretor Executivo

Luciano Ramos – Consultor Sênior de Programas

Rodrigo Laro – Consultor Sênior de Pesquisa e Monitoramento

Luiza Tanuri – Consultora Internacional

Bruna de Oliveira Martins – Estagiária de Comunicação e Pesquisa

Gerente do Projeto: Luciano Ramos

Facilitadores das oficinas:

Leonardo Brasil

Gabriel Santos Verde

Mauro França

Monitoramento e avaliação:

Camila Rebouças

Diagramação:

Gabriel Felipe Moreira Medeiros

Comunicação:

Bruna de Oliveira Martins

Campanhas de comunicação:

Giovani Falcão

Coordenação de conteúdo:

Luciano Ramos

.....SUMÁRIO

Introdução	6
Metodologias	7
Metodologia presencial	7
Metodologia virtual	8
Análise dos instrumentais de pré-teste (baseline) e pós-teste (endline)	9
Ciclos 1 e 2	9
Dados sociodemográficos dos participantes	9
Participação na gravidez, no momento do parto e pós-parto imediato	11
Direitos sociais e participação nos primeiros dias de vida do bebê	14
Participação na vida da criança	15
Concepções de paternidade	15
Normas de gênero	17
Masculinidades, comportamentos e atenção à saúde	21
Análise dos instrumentais de pré-teste (baseline) e pós-teste (endline)	25
Ciclos 3 e 4	30
Atividades diárias de cuidado com as crianças	35
Percepções dos facilitadores do projeto	38
Lives, seminários e campanhas promovidos pelo projeto	40
Considerações Finais	49

Apresentação

Desde o início das ações do Projeto Uma Ilha de Paternidades, o projeto funciona na perspectiva de atendimentos, por meio de grupos sobre Paternidade e Cuidado para a proteção da Primeira Infância. Assim, o Projeto busca realizar atividades com homens-pais para o exercício da paternidade cuidadora, protetiva e responsável. Assim, o projeto iniciou suas ações presencialmente, antes da Pandemia de COVID 19 no Brasil. Nesse cenário, de ação presencial, unindo os ciclos 1 e 2, foram atendidos nas oficinas 32 homens.

Quando, em virtude da pandemia, o projeto precisou interromper as suas ações presenciais, foram necessárias alternativas criativas para a manutenção das ações. Entre elas, poderemos citar aqui as lives com pais e especialistas em paternidades e Primeira Infância; Seminários e a criação o Programa P via WhatsApp para atender aos pais remotamente. Neste momento, o Promundo realizou oficinas sobre Paternidade e Cuidado com 160 homens-pais em Pernambuco. As oficinas foram realizadas em uma parceria inédita com o governo local no âmbito do Programa Criança Feliz.

Em seguida, o Promundo realizou 03 séries de oficinas para contemplar o ciclo 4 do projeto:

03 séries:

- 1.** Ceará com 17 homens. A proposta inicial fora de 40 homens, porém não conseguiu-se chegar a esse número em virtude da difícil mobilização de homens naquele cenário de participação; (dezembro de 2020)
- 2.** 98 homens-pais do Morro dos Prazeres – Santa Teresa – RJ (até março de 2021)
- 3.** 54 homens-pais no Morro dos Guararapes – Santa Teresa – RJ (até julho de 2021)

Assim, o projeto atendeu em suas ações 32 homens-pais presencialmente e 169 homens-pais via metodologia remota. Totalizando 201 homens-pais. Logo, se olharmos para o cenário de oficinas extras realizadas em Pernambuco, houve mais um grupo de 160 homens participantes. Todo esse grupo atendido chega à 361 homens. Esse é quase o dobro do número estipulado na proposta inicial de 200 homens.

Esse relatório reporta o processo e os principais resultados do projeto Uma Ilha de Paternidades. Apesar de todos os entraves devido à Pandemia do Novo Coronavírus, o projeto se reestruturou e transformou a metodologia presencial em atividades online, consolidando a tecnologia social do Programa P numa metodologia ainda mais acessível.

Ao longo de 02 anos de ação, mais de 400 crianças pequenas foram beneficiadas no exercício de parentalidades mais cuidadosas, participativas e responsáveis. É emocionante perceber as mudanças que os pais começam a implementar cotidianamente durante e após as sessões do Programa P e o impacto que isso tem sobre as suas famílias, e especialmente nas vidas das crianças.

Desejo a você uma boa leitura!

Luciano Ramos.

Introdução

Este material se caracteriza como um dos produtos finais do projeto Uma Ilha de Paternidades e tem como objetivo apresentar as ações desenvolvidas no projeto no período compreendido entre 2019, 2020 e 2021. Para isso, este relatório se estrutura da seguinte forma:

Inicialmente, são apresentados os formatos metodológicos utilizados na implementação do programa em contexto pré-pandêmico e em contexto pandêmico; em seguida, são desenvolvidas as análises dos dados coletados com instrumentais de pré-teste e pós-teste nos ciclos 1 e 2 do projeto; após, são realizadas as análises dos achados de pré-teste, aplicados nos ciclos 3 e 4; posteriormente, são discutidas as percepções de alguns dos profissionais que atuaram ao longo do período de vigência do projeto; depois, são colocadas em tela as percepções de alguns homens participaram do projeto; em seguida, são apresentadas as ações virtuais promovidas pelo projeto durante a pandemia (lives, seminários, campanhas); e, finalmente, são feitas as considerações finais, resgatando alguns dos dados que mais se destacaram ao longo da implementação do projeto e os principais achados resultantes da aplicação de questionários de pré-teste e pós-teste.

Metodologias

Metodologia presencial

O formato presencial, pensado antes da conjuntura de pandemia de Covid-19, previa a realização de 40 oficinas participativas, constituídas de 200 homens, trabalhando temáticas de gênero, masculinidades e paternidades em cinco comunidades do bairro Ilha do Governador, localizado no Rio de Janeiro. Tais comunidades seriam: INPS, Morro do Barbante, Praia da Bica, Praia da Guanabara e Praia de Pelônias. Além das atividades com os homens, este formato também previa a promoção de rodas de conversa com a participação de suas respectivas companheiras.

A proposta consistia em sensibilizar os homens-pais desses territórios, objetivando a viabilização de transformações concretas no exercício de sua parentalidade, promovendo modelos mais flexíveis e não violentos de paternidades.

O formato presencial chegou a ser implementado, após o reconhecimento dos territórios, identificação das redes locais e levantamento das demandas dos moradores.

Projeto em seu formato presencial, no Rio de Janeiro, em 2019:



Metodologia virtual

A metodologia virtual consiste na adaptação do formato original do projeto, para que possa acontecer de forma segura durante a pandemia de Covid-19. Neste formato, os facilitadores do projeto enviam as atividades nos grupos de whatsapp em que estão os participantes do projeto. Cabe destacar que além do envio de atividades nos grupos, os facilitadores também realizam contato individual com cada participante, o que contribui para sua mobilização, engajamento e participação.

Se por um lado a virtualização do projeto impede um contato físico mais aproximado, por outro, este formato possibilita acessar homens que não conseguiriam participar através do formato presencial. O processo de adaptação do projeto presencial para remoto demandou criatividade pela equipe responsável, que superou o desafio de implementar atividades em uma plataforma para a qual, inicialmente, ela não foi prevista.

Projeto em seu formato virtual:



Análise dos instrumentais de pré-teste (baseline) e pós-teste (end line)

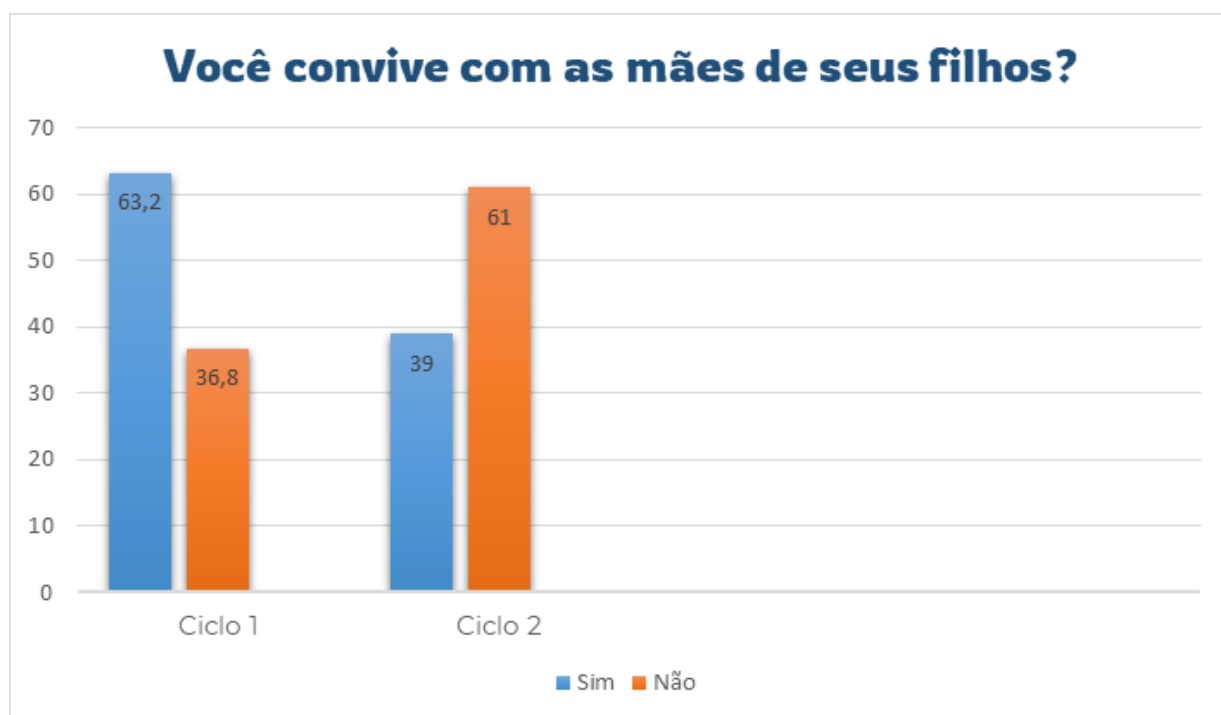
Ciclos 1 e 2

Antes de discutir os dados referentes e masculinidades, paternidades e gênero, com a aplicação de questionários de pré-teste e pós-teste foi possível traçar o perfil sociodemográfico dos participantes do projeto. Diante disso, estes dados serão brevemente apresentados, com o intuito de localizar socialmente os homens que participaram dos primeiros ciclos do projeto.

Dados sociodemográficos dos participantes

No que se refere a faixa etária dos homens, no baseline, os homens com idade entre 19 e 24 anos eram cerca de 27,5%, constituindo uma minoria de jovens adultos, já que 72,5% tinha pelo menos 25 anos.

No primeiro ciclo de atividades do projeto, 36,8% dos homens não conviviavam com as mães de seus filhos; já no segundo ciclo, este dado se inverte, apresentando um percentual de 39% de participantes em convívio com as mães de seus filhos, conforme ilustrado no gráfico a seguir.



No que tange a identidade racial dos participantes, entre aplicação de pré-teste e pós-teste, observou nos dois primeiros ciclos, um expressivo grupo autodeclarado preto e pardo, atingindo o percentual aproximado de 75,5%.

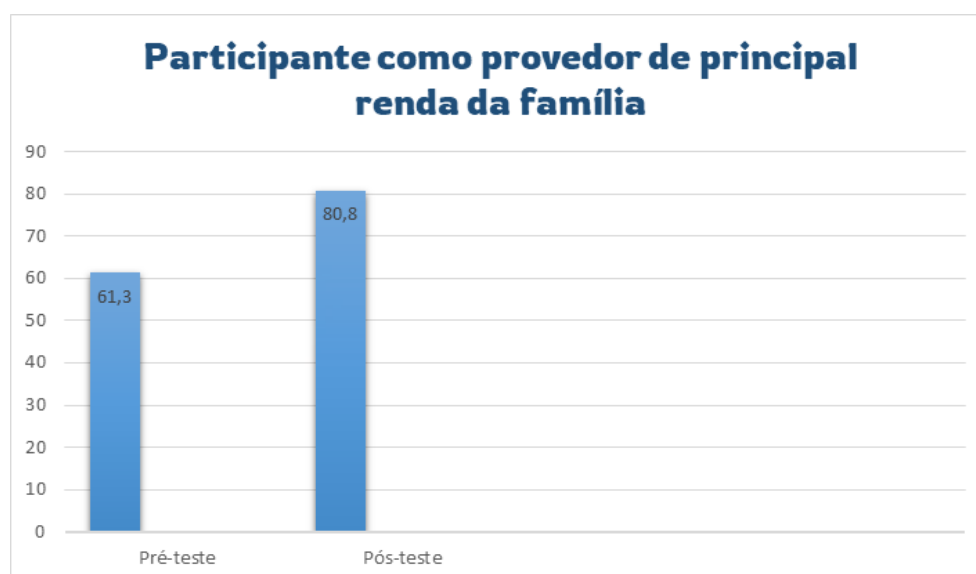
Entre os/as parceiros/as afetivos/as dos participantes, entre pré-teste e pós-teste de ambos os ciclos, verificou-se a identidade racial em 36,5% de pretos/as e pardos/as.

Mais da metade dos participantes é constituída por pretos e pardos, o que não surpreende, visto que o projeto foi implementado em regiões periféricas e favelizadas, onde se concentram uma parcela significativa da população negra. No entanto, ao analisar a identidade racial dos/as parceiros/as afetivos/as desses participantes, verifica-se que menos da metade dos autodeclarados pretos e pardos se relacionam com pessoas da mesma identidade racial.

Durante a aplicação de pré-teste, 81,5% dos homens afirmaram desenvolver alguma atividade remunerada. No pós-teste, este percentual subiu para 87%. Entre os trabalhadores autônomos e informais, no pré-teste, identificou-se o percentual de 49,7. Este percentual aumentou para 63,5%, ao analisar os dados de pós-teste.

Assim como o percentual de trabalho remunerado aumenta, sobe também a informalidade como condição de trabalho desses homens, o que pode ser um resultado do contexto de pandemia de Covid-19. A seguir será possível identificar que a renda desses homens se configura como a principal renda da família, o que também está relacionado ao fato de que durante a pandemia eles precisaram desenvolver mais trabalho remunerado e sem garantias trabalhistas, visto que acumulavam mais empregos com o objetivo de complementar/aumentar a renda, ou até mesmo encontrar nesses trabalhos informais a única fonte de renda, necessária à reprodução social da família.

Encerrando os principais achados sobre o perfil sociodemográfico dos participantes do projeto, verifica-se que estes se caracterizam como os principais – se não únicos – provedores de renda familiar. No pré-teste, 61,3% dos participantes declaravam sua renda como a principal da família. No pós-teste este percentual havia aumentado em quase 20%, chegando a alcançar 80,8%.



Nestes achados, verifica-se que estes homens correspondem ao modelo tradicional de masculinidade, no que se refere a renda, atuando como principal fonte de renda familiar. Ao longo deste relatório será possível perceber o quanto o trabalho e a renda alcançam o topo das preocupações e das ocupações deste público.

Os questionários aplicados nos ciclos 1 e 2 foram organizados a partir de uma escala de atitudes sobre o exercício da paternidade, composta de 24 frases com expressões de opiniões sobre situações do cotidiano que os participantes podem ter vivenciado ou vivenciar em algum momento de suas vidas.

As frases a seguir foram organizadas pensando nos direitos, nos deveres e no papel a serem desempenhados pela figura paterna nos primeiros anos de vida de uma criança. Neste sentido, as frases foram agrupadas da seguinte forma: “participação na gravidez, no momento do parto e pós-parto imediato”, “direitos sociais e participação nos primeiros dias de vida do bebê”, “participação na vida da criança”, “concepções de paternidade”, “normas de gênero” e “masculinidades, comportamentos e atenção à saúde”.

Ao refletirem sobre essas questões, os participantes do projeto sinalizavam o quanto concordavam ou não com as frases, apresentando respostas como: “concordo totalmente”, “concordo parcialmente” e “não concordo”:

Participação na gravidez, no momento do parto e pós-parto imediato

Frase	Resposta	Baseline	Endline
É importante que eu participe de todas as consultas possíveis de pré-natal	Concordo totalmente	100%	100%
	Concordo parcialmente	0%	0%
	Não concordo	0%	0%
Devo estar presente no momento de nascimento do meu bebê	Concordo totalmente	100%	100%
	Concordo parcialmente	0%	0%
	Não concordo	0%	0%
Um bebê recém-nascido não é capaz de reconhecer quem o pega no colo	Concordo totalmente	46,7%	20%
	Concordo parcialmente	20%	30%
	Não concordo	33,3%	50%

Homens são capazes de cuidar de um recém-nascido tanto quanto mulheres	Concordo totalmente	50%	65%
	Concordo parcialmente	37,5%	32%
	Não concordo	12,5%	3%
Homens são capazes de dar banho sozinhos em um recém-nascido, independente do sexo da criança	Concordo totalmente	60%	68%
	Concordo parcialmente	26,7%	27,3%
	Não concordo	13,3%	4,7%

O período da gravidez, o momento do parto e o pós-parto imediato são fases estratégicas para a promoção do pai nos cuidados com os filhos, bem como para sua vinculação aos serviços de saúde, ambiente tradicionalmente afastado da figura masculina – este ponto será trabalhado mais a frente, no tópico “masculinidades, comportamentos e atenção à saúde”.

Analisando os dados oriundos da aplicação de questionários de pré e pós-teste, identificou-se mudanças em suas percepções com relação a algumas temáticas. Entretanto, antes de aprofundar nessa discussão, vale destacar que mesmo se tratando de um grupo com padrões hegemônicos de masculinidade, já no início do projeto estes homens reconheciam a importância de participar das consultas de pré-natal e de estar presente no momento do parto. Estes dados chamam a atenção, pois indicam que os homens conhecem seus direitos enquanto pais nos serviços de saúde, ao longo da gravidez e do momento do parto.

A Lei Federal nº11.108/2005 (BRASIL, 2005) prevê que toda gestante tem direito a um acompanhante de sua escolha durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Contudo, é preciso refletir que nem sempre esse direito é respeitado ou até mesmo divulgado pelos serviços de saúde. Neste sentido, ainda é comum que gestantes e futuros pais não saibam da existência dessa lei.

Neste contexto, surpreende que todos os homens inscritos no projeto já sabiam da possibilidade de participar do pré-natal, do momento do parto e do pós-parto imediato. Por outro lado, entende-se que, no geral, a experiência de paternidade não é uma novidade para estes homens. Diante disso, levanta-se a hipótese de que eles já tinham ciência desse direito em decorrência de experiências de gestações anteriores, onde esses direitos possam ter sido respeitados ou violados.

Os dados referentes aos cuidados com recém-nascidos se apresentaram muito positivos: antes de participar do projeto, 46,7% dos homens achavam

que um bebê recém-nascido não seria capaz de reconhecer quem o pega no colo. Após sua participação no projeto, esse percentual caiu em mais de 25%, onde apenas 20% dos homens continuava com a mesma percepção. Mais de 25% dos homens começou a ter a percepção de que um bebê recém-nascido reconhece quem o pega no colo. Aumentou também em 15% o percentual de participantes que não concorda com a ideia de que um recém-nascido não é capaz de reconhecer quem o pega no colo.

Outras discussões parecem ser um pouco mais desafiadoras para os homens: quando são convidados a comparar cuidado paterno e cuidado materno, os homens ainda tendem a enxergar na figura feminina a referência de cuidado para as crianças. Essa prática ainda é muito comum em todos os segmentos, principalmente pela naturalização e pela romantização do amor materno.

O discurso de que as mulheres dispõem de habilidades instintivas e naturais para o cuidado, e que os homens são naturalmente isentos, fomenta uma dinâmica de que o cuidado e o comportamento de homens e mulheres são muito mais decorrentes do campo biológico do que produto de construções sociais. Neste sentido, não é incomum que temáticas como essa ainda representem um desafio para esses homens, principalmente ao considerar que o projeto pode ter sido seu primeiro espaço de acesso a essas discussões.

Cuidados que exigem um contato mais pele a pele com o bebê também representa um desafio para o público masculino, principalmente quando se trata de um bebê do sexo feminino. Segundo os dados coletados com a aplicação de questionários pré-teste e pós-teste, os homens apresentam dificuldades em se perceber como capazes de dar banho sozinhos no recém-nascido, independente do sexo da criança.

O mesmo discurso que afasta os homens do espaço de cuidado, os localiza como “inaptos”, “sem jeito”, “atrapalhados”, “brutos”, “desengonçados” para o cuidado. Há uma hostilização – e até mesmo uma desconfiança – do homem que se sente capaz de exercer o cuidado. Muitas vezes, antes mesmo de tentar, os discursos sociais já o afastam desse espaço, sob as justificativas mais sexistas possíveis: “o pai é muito bruto e pode machucar a criança”, “o pai é distraído e a criança pode se afogar sem que ele perceba”, “não é certo o pai dar banho em menina, porque não se pode confiar em homem”, “o pai é muito atrapalhado e pode fazer bagunça/sujeira”.

Diante disso, entende-se que estes são grandes desafios que demandam longos processos de reflexão e desconstrução; e o projeto pode funcionar como um pontapé inicial para que os homens comecem a refletir sobre assuntos que até então eles não estavam acostumados a discutir.

Direitos sociais e participação nos primeiros dias de vida do bebê

Frase	Resposta	Baseline	Endline
Devo tirar licença paternidade	Concordo totalmente	93,3%	95,8%
	Concordo parcialmente	0%	2,1%
	Não concordo	6,7%	2,1%
Durante a licença paternidade não preciso estar o tempo todo com o bebê	Concordo totalmente	12,5%	10%
	Concordo parcialmente	43,8%	14%
	Não concordo	43,8%	76%
Mesmo que a mulher só possa amamentar, devo auxiliar nisto, proporcionando um ambiente adequado para ela	Concordo totalmente	93,3%	98%
	Concordo parcialmente	0%	1%
	Não concordo	6,7%	1%

Conforme apontado anteriormente, este grupo tem a característica de conhecer alguns de seus direitos nos serviços de saúde. Quando se fala em licença paternidade e suporte à companheira na amamentação, houve mudanças nas percepções dos homens como podem ser vistas no quadro acima.

O preterimento da licença paternidade em muito se relaciona com os vínculos empregatícios, cada vez mais fragilizados e isentos de direitos; e com a percepção do homem enquanto provedor da casa, fazendo com que a licença seja colocada em segundo plano, quando comparada a necessidade de prover recursos materiais para a família.

Com isso, o lugar central de cuidado exercido pelo homem ainda é cultural e materialmente atrelado ao fato de poder proporcionar melhores condições de vida para a criança, ainda que isso implique em não estar presente durante a licença paternidade – quanto a isso, 60% dos participantes do projeto, no endline, concordaram com a afirmação de que não precisam estar junto com a criança o tempo todo, mesmo durante a licença paternidade.

Acrescido a estes achados, assim como no pré-teste, no pós-teste, pelo menos 90% dos homens concorda, em alguma medida, que pode auxiliar a mãe da criança durante a amamentação. Este é um dado muito positivo, pois o apoio masculino ao aleitamento é capaz de fortalecer a parceria e a cumplicidade entre o pai e a mãe do bebê, além de colocar essa relação em um âmbito menos assimétrico, onde o homem passa a desenvolver mais atividades domésticas, o que tira a sobrecarga da figura feminina.

Participação na vida da criança

Frase	Resposta	Baseline	Endline
Acho importante estar presente em todas as consultas do bebê nos primeiros anos de vida (0 a 4 anos)	Concordo totalmente	80%	90%
	Concordo parcialmente	20%	10%
	Não concordo	0%	0%
É importante participar das reuniões escolares	Concordo totalmente	100%	100%
	Concordo parcialmente	0%	0%
	Não concordo	0%	0%

Os dados deste agrupamento de perguntas já eram positivos antes dos homens participarem do projeto. Após participarem, os dados se tornaram melhores ainda. Todos os homens já concordavam quanto a importância de acompanhar as consultas do bebê nos primeiros anos de vida. Porém, se antes do projeto 80% concordava totalmente com essa afirmativa, no pós-teste esse dado aumentou em 10%: 90% dos homens passou a concordar totalmente. Quanto a importância na participação de reuniões escolares, o dado que já era positivo, se manteve: 100%.

Considerando que os espaços de saúde e educação não são tradicionalmente ocupados por homens, estes dados se tornam significativos, pois mesmo que os espaços ainda não se aproximem do público masculino da mesma forma que se aproximam das mulheres, os homens reconhecem a importância de estar nesses espaços acompanhando seus filhos. A partir disso, observa-se neste grupo uma disponibilidade desde o início – ainda que não na concretude, mas pelo menos no plano das ideias – em se fazer presente nos espaços de saúde e educação.

Concepções de paternidade

Frase	Resposta	Baseline	Endline
Eu estava preparado para ser pai	Concordo totalmente	50%	40%
	Concordo parcialmente	42,9%	40%
	Não concordo	7,1%	20%

Ser provedor é a tarefa mais importante da paternidade	Concordo totalmente	43,8%	30%
	Concordo parcialmente	43,8%	30%
	Não concordo	12,5%	40%
É importante conversar com outros pais sobre nossas experiências	Concordo totalmente	81,3%	72,7%
	Concordo parcialmente	18,8%	27,3%
	Não concordo	0%	0%

Os dados encontrados neste agrupamento são interessantes. Antes de participar do projeto, mais de 92% dos homens considerava que estava preparado para se tornar pai. Após participação no projeto, este percentual caiu para 80%. Este achado expressa o potencial reflexivo que o projeto propicia: os homens desenvolvem maior autocrítica e passam a descobrir que “se tornar pai” vai além de suas expectativas anteriores.

Se antes atribuíam menor responsabilidade e complexidade à função paterna, após participar do grupo, os homens percebem que ser pai implica em maiores demandas, responsabilidades, reflexões e comportamentos; e que, apesar de todos os benefícios, a paternidade também demanda novos estilos de vida, rompimento com padrões de comportamentos, sair da zona de conforto. E todos esses processos são graduais e desafiadores.

Outro achado que aponta para os impactos positivos deste projeto é que, antes de participarem das ações do projeto, mais de 87% dos homens concordava, em alguma medida, que ser o provedor é a tarefa mais importante da paternidade. Após acessar as discussões promovidas pelo projeto, este percentual caiu para 60%, uma queda de mais de 25%. Aumentou o percentual de homens que já não concordavam com essa afirmação: antes do começo do projeto, 12,5% não concordava, após participação no projeto, 40% dos homens não concordavam que sua principal atividade deveria ser a de provedor.

Estes dados apontam para transformações nas concepções de paternidade desses homens. Essas mudanças são os primeiros passos para mudanças práticas no cotidiano, já que eles refletem sobre essas questões, começam a romper com conceitos cristalizados de gênero e, conseqüentemente, encontram maiores possibilidades de exercer modelos diversos de paternidade, que não necessariamente estejam em consonância com o modelo tradicional que vinham exercendo até então.

Estes homens também concordam, parcialmente e totalmente, que é importante conversar com outros pais sobre suas experiências. Este é um dado positivo, reconhecendo que historicamente os homens não estão acostuma-

dos a verbalizar seus sentimentos, suas experiências, suas sensações, seus medos e angústias.

Quando os homens reconhecem a importância de compartilhar experiências, eles se mostram receptivos a um diálogo que é uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que dão suporte a outros pais compartilhando suas experiências, eles também se beneficiam ao ouvir sobre outras situações e/ou trajetórias.

O fato de esses homens estarem abertos ao diálogo também é um indicativo do quanto o projeto atinge não apenas os participantes diretos, alcançando também outros sujeitos, indiretamente, já que os participantes acabam por atuar como agentes multiplicadores e tendem a disseminar as reflexões promovidas pelo projeto em outros espaços, podendo impactar em outras biografias e gerar consequências que poderão ser observadas, geralmente, à longo prazo.

Vale ressaltar que quando os homens se apresentam disponíveis ao diálogo e à troca de experiências, eles estão rompendo com toda uma cultura prejudicial que insiste em localizá-los em um lugar de silenciamento e até mesmo de supressão das emoções sob o mito da invulnerabilidade masculina. Homens que adquirem o potencial de verbalizar seus sentimentos se tornam emocionalmente mais saudáveis e fortalecidos, e menos suscetíveis a transtornos e sofrimentos de ordem psíquica.

Normas de gênero

Frase	Resposta	Baseline	Endline
Trocar fralda, dar banho e acordar de madrugada para cuidar do bebê são responsabilidades da mãe	Concordo totalmente	26,7%	18,2%
	Concordo parcialmente	20%	36,4%
	Não concordo	53,3%	45,5%
Não deixo meu bebê em uma creche que tenha um cuidador homem	Concordo totalmente	6,7%	20%
	Concordo parcialmente	33,3%	10%
	Não concordo	60%	70%
Meninos não deveriam brincar de boneca	Concordo totalmente	50%	40%
	Concordo parcialmente	14,3%	20%
	Não concordo	35,7%	40%

Homens gays podem cuidar de crianças e ser bons pais	Concordo totalmente	43,8%	70%
	Concordo parcialmente	31,3%	20%
	Não concordo	25%	10%
Há assuntos que não se deve conversar da mesma forma com meninos e meninas	Concordo totalmente	53,3%	18,2%
	Concordo parcialmente	33,3%	36,4%
	Não concordo	13,3%	45,5%
É importante que meninos aprendam a respeitar as meninas desde cedo	Concordo totalmente	100%	100%
	Concordo parcialmente	0%	0%
	Não concordo	0%	0%

Este agrupamento, referente as normas de gênero, é considerado um dos mais desafiadores no que tange ao alcance de mudanças, tanto de percepções quanto de práticas efetivas no cotidiano. Isto porque as normas de gênero são práticas institucionalizadas, naturalizadas e reproduzidas desde os mais longínquos períodos históricos.

Romper com percepções e práticas tradicionais de gênero requer um processo de reflexão e desconstrução que não necessariamente apresenta resultados a curto prazo, dado o enraizamento de conceitos, comportamentos e hierarquias de gênero. Se por um lado o sistema hierárquico de gênero é prejudicial ao público masculino, por outro, também oferece vantagens aos homens em detrimento das mulheres. De fato, há um preço a pagar e as consequências desses pseudo privilégios serão trabalhados mais adiante.

No entanto, cabe problematizar desde já que recusar os pseudo privilégios oferecidos ao público masculino não são uma tarefa fácil e que, entre a aplicação de questionários de pré-teste e de pós-teste foram observadas mudanças nas percepções dos homens quanto as normativas de gênero, mas também é possível identificar o quanto esses pontos são sensíveis, complexos e desafiadores para este público.

Antes de participarem das discussões promovidas pelo projeto, pelo menos 46% dos homens concordavam, em alguma medida, que tarefas como trocar fralda, dar banho e acordar de madrugada para cuidar do bebê são tarefas da mãe. Após participarem do grupo, este percentual aumentou para pouco mais de 54%, indicando o quanto a divisão de tarefas domésticas ainda precisa ser trabalhada com esses homens.

Alguns facilitadores do projeto observaram a dificuldade em abordar essa temática com os homens, que tinham uma tendência a apresentar discursos de iniquidade na divisão de tarefas e a consequente sobrecarga feminina. Reconhecendo a flexibilidade do projeto e a sua capacidade de se ajustar ao perfil e as especificidades de cada grupo de participantes, em alguns grupos os facilitadores intensificaram atividades priorizando a discussão crítica e reflexiva sobre divisão de tarefas domésticas.

Por outro lado, estes homens apresentam uma visão mais desconstruída das normativas de gênero ao falar sobre cuidado masculino em espaços de socialização, como creches, por exemplo. Na segunda frase deste agrupamento, antes de participarem do projeto, 60% dos homens não concordavam que não deixariam seus bebês em uma creche que contasse com cuidador homem; após participação no projeto, este percentual subiu em 10%: 70% dos homens discordavam dessa frase.

Se no início mais de 30% concordava parcialmente que não deixaria seus filhos aos cuidados de um profissional do sexo masculino, no pós-teste este percentual cai para 10%, menos da metade do percentual de pré-teste. Neste sentido, vale chamar a atenção para o não estranhamento desses homens quanto a um profissional masculino no âmbito do cuidado e, mais que isso, a aceitação de que seus filhos fiquem sob os cuidados desses profissionais.

No que diz respeito a “brincadeiras de meninos”, os achados também apresentam uma melhora que vale ser destacada: antes de participar do projeto, cerca de 35% dos homens não concordavam que meninos não deveriam brincar de boneca; após aplicação de pós-teste, esse percentual subiu, ainda que timidamente, para 40%.

Interessante é perceber que, mesmo com um elevado percentual de participantes concordando com essa frase, essa concordância passou a ser mais relativizada: antes de participar do projeto, 50% dos homens concordavam totalmente com a frase; após participação no projeto, este percentual caiu para 40%. Ou seja, se antes os homens concordavam totalmente com a frase, após participação no projeto, começaram a concordar parcialmente: no pré-teste em média 14% concordavam parcialmente, no pós-teste, o percentual subiu para 20%.

Isso significa que, ainda que continuem concordando que meninos não devam brincar de boneca, esses homens começam a ponderar mais, essa concordância já não é plena, mas parcial – o que ilustra o quanto o processo de transformação não é instantâneo nem linear, mas gradual e atravessado por desafios.

Um dado que se destacou positivamente neste agrupamento foi referente a orientação sexual e paternidade: no pré-teste cerca de 74% dos homens concordavam, em alguma medida, que homens gays podem cuidar de crian-

ças e ser bons pais; no pós-teste este percentual sobe mais de 15%, mostrando que 90% dos homens concordam com essa afirmação. Consequentemente, diminuiu o percentual de homens que discordavam que homens gays podem cuidar de crianças e ser bons pais: se antes de participar do projeto 25% discordavam dessa afirmativa, após participação, houve queda de 15%, chegando a 10%.

Este achado traz impactos positivos não apenas para esses homens, mas para os beneficiários indiretos do projeto, uma vez que estes homens começam a romper ou, pelo menos, diminuir percepções homofóbicas sobre cuidado e paternidade, enxergando outras possibilidades de “ser pai” para além do modelo tradicional e enrijecido. Assim, estes homens podem começar a respeitar, reconhecer e valorizar outras formas de paternidade e de masculinidade. Isso também pode reverberar na criação de seus filhos, pois eles começam a ensinar e até mesmo referenciar para as crianças modelos de paternidade e masculinidade mais diversos, oferecendo uma educação mais acolhedora, afetuosa e não violenta.

Outro achado que traz resultados positivos do projeto diz respeito ao diálogo com as crianças. Antes de participar do projeto, mais de 85% dos homens concordavam, total ou parcialmente, que há assuntos que não devem ser conversados da mesma forma com meninos e meninas. Após participação no projeto, este percentual caiu para aproximadamente 54%, caracterizando uma queda de mais de 30%.

Vale elucidar que aumentou também em mais de 30% os homens que passaram a não concordar com essa frase, que antes de participar do projeto eram pouco mais de 13% e, depois de participar do projeto, passaram a ser pouco mais de 45%. As mudanças de atitude com relação a essa frase podem apresentar impactos significativos na criação e socialização das crianças, pois estes homens se mostram mais disponíveis a uma educação não sexista, promovendo diálogo igualitário com meninos e meninas.

Reconhecendo as normas de gênero engendradas, é comum que a socialização e o tratamento dispensado às meninas sejam desiguais, quando comparados à socialização dos meninos. Diante disso, promover essa reflexão se torna fundamental na busca por educação e socialização mais equitativas, onde meninas e meninos não sejam discriminados desde o ambiente doméstico em função de seu gênero.

Com relação a última frase deste agrupamento, as respostas foram unânimes tanto no pré-teste quanto no pós-teste: 100% dos participantes concordam totalmente que é importante que meninos aprendam a respeitar as meninas desde cedo. Esta frase pode parecer óbvia, mas trabalhar o respeito entre meninos e meninas ao longo de sua socialização é mais desafiador do que parece.

Pode-se dizer que este dado tem uma forte relação com o dado trabalhado anteriormente, onde os homens se mostram disponíveis em dialogar sobre os diversos assuntos de forma igualitária com meninos e meninas, pois é a partir do diálogo com ambos que se torna possível tecer relações de respeito mútuo, onde os meninos não enxerguem as meninas de forma objetificada e/ou subalterna, mas como sujeitos de direitos que precisam ser respeitadas em seus comportamentos, posicionamentos e escolhas.

Socializar meninos a partir de uma lógica antimachista não é fácil, principalmente para estes homens que vem de gerações e territórios onde essas discussões vêm ganhando visibilidade apenas recentemente. Diante disso, salienta-se o quanto é positivo o fato de esses homens, que quando passam pelo projeto já são a favor do respeito entre meninos e meninas, passarem a concordar mais em dialogar com as crianças de forma igualitária sobre diversos assuntos.

Masculinidades, comportamentos e atenção à saúde

Frase	Resposta	Baseline	Endline
Devo cuidar do meu bem-estar físico e mental para ser um bom pai	Concordo totalmente	85,7%	100%
	Concordo parcialmente	14,3%	0%
	Não concordo	0%	0%
Devo cuidar do bem-estar físico e mental da/o minha/ meu parceira/o	Concordo totalmente	85,7%	90%
	Concordo parcialmente	14,3%	10%
	Não concordo	0%	0%
Não quero que meu/minha filho/a tenha a mesma relação que tive com meu pai	Concordo totalmente	25%	40%
	Concordo parcialmente	25%	10%
	Não concordo	50%	50%
Eventualmente, se a criança for malcriada, não há problema em dar um tapa	Concordo totalmente	25%	30%
	Concordo parcialmente	50%	40%
	Não concordo	25%	30%
Não há problema em consumir ou deixar outra pessoa adulta consumir álcool ou cigarro na frente da criança	Concordo totalmente	25%	9,1%
	Concordo parcialmente	12,5%	18,2%
	Não concordo	62,5%	72,7%

Assim como o agrupamento anterior, que aborda as normas de gênero, este agrupamento, sobre masculinidades, comportamentos e atenção à saúde, também apresenta questões complexas e sensíveis dentro das discussões de masculinidades. Isto porque ao falar de comportamentos masculinos e de atenção à saúde, passamos pelo não-lugar do homem em diversos espaços e o quanto a rejeição em receber os homens em espaços de cuidado, por exemplo, os coloca em situações de vulnerabilidade.

É preciso ter cautela ao falar sobre o não-acesso masculino aos espaços de cuidado, uma vez que as próprias políticas públicas ainda apresentam uma série de lacunas, são engendradas em modelos tradicionais de família e tendem a priorizar a presença de mulheres e crianças, localizando o homem como uma figura de acessório nos serviços.

É neste cenário que se ressalta o quanto a falta de estratégias na atenção ao homem causa impactos na saúde física e mental deste grupo e dos sujeitos ao seu redor. Quanto a isso, cabe mencionar a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem - PNAISH (BRASIL, 2009), que apesar de representar um avanço, se configura como uma iniciativa recente, quando comparada a políticas voltadas para mulheres e crianças, somada ao fato de que não é tão disseminada e conhecida por profissionais de saúde quanto as políticas de “saúde da mulher”, principalmente aquelas de cunho reprodutivo.

Se o modelo hegemônico de paternidade identifica no homem uma figura invulnerável, os modelos mais flexíveis de paternidade têm desconstruído esse estereótipo: não basta atuar como provedor e garantir os recursos materiais à família, é preciso investir na saúde física e mental para exercer a paternidade com maior qualidade.

Conforme já foi abordado neste material, os homens são tradicionalmente afastados dos espaços de cuidado, principalmente dos serviços de saúde.

A falta de abordagem à saúde masculina desde a infância coloca essa população em situação de vulnerabilidade de inúmeras formas: os homens costumam fazer mais uso abusivo de álcool e outras drogas; desenvolvem mais doenças crônicas, como diabetes e hipertensão, por falta de cuidado preventivo; acessam aos serviços de saúde somente em casos de urgência e alta complexidade, não realizando exames de prevenção e consultas de rotina; praticam menos exercícios físicos; se alimentam de forma inadequada; se sujeitam a cargas horárias exaustivas de trabalho, ficando suscetíveis a adoecimentos e sofrimentos psíquicos decorrentes da jornada de trabalho; ficam mais expostos a episódios de violência urbana e externa por conta da sociabilidade, se envolvendo em brigas de trânsito, de bares, de estádios de futebol.

É neste cenário que a paternidade tem o potencial de funcionar como um fator de proteção aos homens, pois eles passam a enxergar maiores

motivações para o autocuidado e para a busca por estilos de vida considerados menos prejudiciais à saúde física e mental. Antes de participarem do projeto, pouco mais de 85% dos homens concordavam totalmente que deviam cuidar do próprio bem-estar físico e mental para ser um “bom pai”. Depois de participarem do projeto, este percentual aumentou em quase 15% e, por unanimidade, todos os participantes passaram a concordar totalmente com essa afirmativa.

Os dados também foram positivos quanto ao cuidado ao bem-estar físico e mental, mas foram um pouco menores com relação ao cuidado consigo: se no pré-teste pouco mais de 85% dos homens concordavam totalmente com o cuidado à companheira, no pós-teste esse percentual chegou a 90%. O restante dos respondentes concordou parcialmente. Nenhum participante discordou dessa afirmação.

As hipóteses para a queda, ainda que discreta, do percentual de cuidado voltado à companheira podem se ancorar: a) na possibilidade de os homens enxergarem o cuidado como algo individual, de forma que cada sujeito fica responsável pelo seu cuidado; e b) pelo fato de as mulheres já terem uma tendência, oriunda da socialização e das construções sociais, de frequentarem os serviços de cuidado e de praticarem, em alguma medida, o autocuidado, fazendo com que os homens achem que não precisem dedicar um tempo para isso, pois as parceiras já o fazem.

Quanto a relação que tiveram com seus respectivos pais, os homens apresentaram respostas equilibradas: tanto no pré-teste quanto no pós-teste, 50% não concordou com a frase de não querer ter a mesma relação com o/a filho/a da que ele teve com seu pai. Este pode ser um indicativo de que estes homens tiveram relações com seus pais que eles consideram positivas ou que eles não se sentem preparados para romper com o modelo de cuidado que receberam e construir novos estilos de relação.

Apesar disso, um grupo de 15% passou a concordar totalmente com essa frase, entre o pré-teste e o pós-teste: antes de participarem do projeto, 25% concordavam totalmente, passando para um percentual de 40% após participação no projeto. Isso mostra que, participando do projeto, estes homens passaram por reflexões sobre paternidade e formas de cuidado que os fizeram potencializar suas escolhas.

No que diz respeito a educação não violenta, os dados também se mostraram positivos, apesar de algumas nuances: antes de participar do projeto, 25% dos homens concordavam totalmente que não há problema em dar um tapa na criança eventualmente, caso ela seja “malcriada”. Após participar do projeto, esse percentual aumentou em 5%, chegando a 30%. Entretanto, se este dado aumentou, subiu na mesma proporção o percentual de pais que não concordam com esse tipo de educação.

O dado sobre educação e violência pode ser um reflexo do achado anterior, onde 50% dos homens não se mostram disponíveis em construir junto aos filhos relações diferentes da que tiveram com seus pais. Por ser um formato de educação aprendido desde a infância e perpetuado por gerações, é compreensível que os homens encontrem barreiras subjetivas e objetivas na construção de relações sem violência.

Isso também se associa ao que “se espera de um pai” dentro de uma sociedade culturalmente machista que coloca o homem no lugar de disciplinador e que endossa a “educação punitiva”. Apesar disso, é preciso chamar a atenção para os 5% a mais de homens que passaram a discordar desse tipo de prática ao terem a oportunidade de participarem do projeto e refletirem sobre comunicação não violenta.

O último item deste agrupamento, encerrando as análises de dados dos primeiros ciclos de implementação do projeto, os homens falaram sobre consumo de bebida alcoólica e uso de cigarro na frente das crianças. Os achados referentes a esse ponto foram muito positivos: antes de participarem do projeto, cerca de 62% discordava de que não havia problemas em consumir álcool e cigarro na frente das crianças; após participação no projeto, este percentual subiu para aproximadamente 72%.

Houve um aumento de pouco mais de 10% dos homens que não são a favor do consumo de álcool e cigarro na frente das crianças. Entre os que concordavam não haver problema nisso, os dados também foram positivos: se antes de participar do projeto, 25% dos homens concordavam totalmente que não havia problema em beber e fumar na frente das crianças, após participação no projeto, este percentual cai para mais da metade, chegando a aproximadamente 9%.

Essa é uma discussão necessária junto a este segmento. Conforme trabalhado anteriormente neste material, a população masculina é prejudicada em sua saúde física e mental pelo consumo – muitas vezes excessivo – de álcool e outras drogas. Em muitos casos, esse consumo se torna habitual para estes homens por ver adultos de sua referência (como seus pais, por exemplo) bebendo e fumando, ou até mesmo em decorrência de sofrimentos psíquicos que podem acarretar seu uso abusivo.

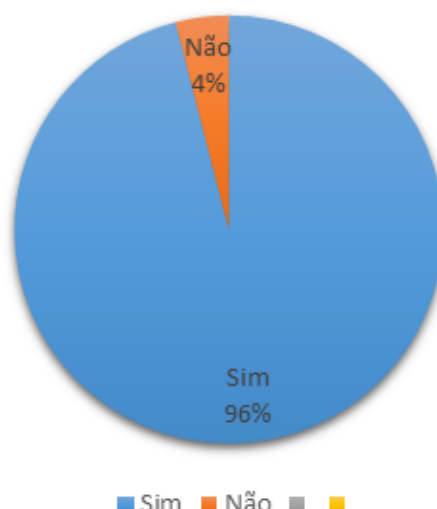
Proporcionar a criança um ambiente livre de consumos alcoólicos, especialmente abusivos, significa possibilitar melhores condições de crescimento e desenvolvimento, já que a criança tem nos adultos mais próximos a referência de “certo” e “errado”. Neste sentido, as respostas dos homens são positivas, pois apontam para uma sensibilização do que é considerado adequado ou não para uma criança presenciar, principalmente quando estas ainda são muito jovens e tem pouco ou nenhum discernimento do que devem ou podem reproduzir.

Análise dos instrumentais de pré-teste (baseline) e pós-teste (endline)

Ciclos 3 e 4

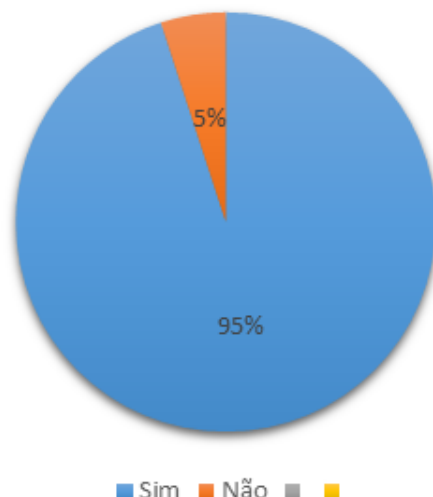
Nos dois últimos ciclos do projeto, foram aplicados questionários de pré-teste a 250 homens. Para o pós-teste, trabalhou-se uma amostragem, onde foram aplicados questionários a 88 homens-pais que participaram do projeto. Analisando os dados obtidos desde o começo até o encerramento da participação desses homens no projeto, identificou-se que, ao longo do projeto, cerca de 96% afirmou enxergar coisas boas na tarefa de criação dos filhos ou crianças das quais cuidam.

Você vê coisas boas na tarefa de criação dos seus filhos ou crianças das quais você cuida?



Este é um dado significativo, pois quando os homens identificam pontos positivos na paternidade, eles tendem a se envolver mais nas atividades com as crianças pelas quais são responsáveis, enxergando a paternidade de forma mais prazerosa e assumindo tarefas. Não por acaso, estes mesmos homens apontam, em mais de 90%, se sentir verdadeiramente envolvidos na criação dos filhos ou crianças das quais cuidam, conforme pode ser visualizado no gráfico abaixo.

Você se sente envolvido verdadeiramente na criação dos seus filhos ou crianças das quais você cuida?



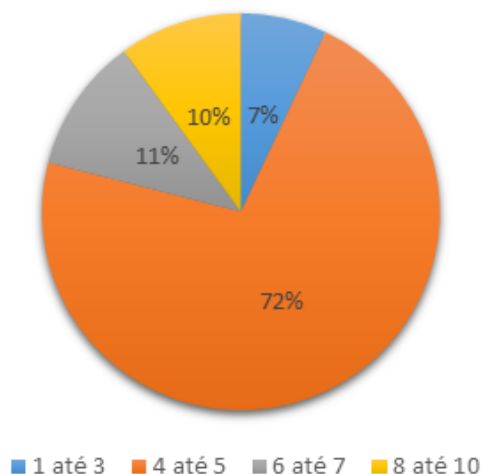
Quando os homens enxergam na paternidade muito mais que uma obrigação, todos os sujeitos envolvidos se beneficiam:

a) o homem, que constrói vínculo e afeto com a criança e se assume posturas de gênero mais equitativas; b) a parceira, que ao contar com a participação do homem, não fica sobrecarregada com as tarefas domésticas e tem maiores possibilidades de se dedicar a projetos pessoais, alcançar maiores anos de estudo, se qualificar profissionalmente e buscar maiores salários no mercado de trabalho; e c) a criança, que ao conviver em um ambiente com relações de gênero mais equitativas e com posturas mais flexíveis, fica menos exposta a situações de violências, abuso sexual, negligência e abandono.

Neste sentido, os participantes do projeto realizaram uma análise sobre o quanto eles se percebem enquanto principal figura paterna para as crianças entre 0 e 6 anos das quais cuidam. Através de graus que variavam entre 1 (mínimo), 5 (intermediário) e 10 (máximo), estes homens apontaram o quanto eles se reconheciam enquanto referência para as crianças.

Conforme pode ser observado no gráfico que segue, em sua maioria, os homens apontaram para graus intermediários entre 4 e 5 (72%), seguidos de 6 até 7 (11%), 8 até 10 (10%) e 1 até 3 (7%). Apesar de mais de 90% dos participantes afirmarem se sentir verdadeiramente envolvidos na tarefa de criação dos filhos e das crianças das quais cuidam, eles ainda não se enxergam, em sua maioria, como a principal referência paterna para essas crianças.

Que nota você se dá, hoje, como a principal figura paterna para as crianças de 0 a 6 anos das quais você cuida?



Este dado pode ser um indicativo da autoestima deste grupo quanto ao seu papel de cuidador e do quanto ele se considera, de fato, uma referência no lugar do cuidado, da responsabilidade, do afeto e do zelo. Ou seja, até mesmo quando os homens se percebem envolvidos nos cuidados com as crianças, eles não conseguem se reconhecer como uma figura de destaque nesse ambiente.

A invisibilidade dos homens no âmbito do cuidado tem raiz secular, se relacionando diretamente com normas de gênero enrijecidas e reproduzidas ao longo de períodos históricos. Tal reprodução dos papéis sociais de homens e mulheres contribui para a naturalização do fenômeno, em que homens e mulheres tendem a desempenhar papéis que lhes foram determinados muito antes de seu nascimento. Esses papéis são fortalecidos ao longo da trajetória dos sujeitos: na infância, na juventude, na vida adulta.

É neste cenário que as instituições educadoras têm grande impacto na absorção dessas normas, já que começam a operar desde cedo sob diversas formas: família, igreja, creches, escolas, trabalho. Através dessa análise, torna-se mais plausível perceber as justificativas que fazem com que os homens se sintam ideologicamente afastados do cuidado, ainda que materialmente eles estejam aproximados desse âmbito.

Também não surpreende que quase 20% dos entrevistados afirmem não sentir que têm espaço para desempenhar seu papel de pai/cuidador. Apesar de mais de 80% ter respondido afirmativamente, cabe refletir que em um grupo de homens onde mais de 90% se sente envolvido nos cuidados com a criança, um percentual de quase 20% sentir que não consegue vivenciar a paternidade como gostaria por falta de espaço, é um reflexo significativo de

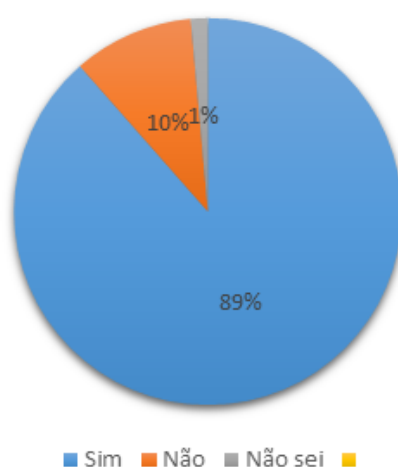
como a sociedade ocidental ainda se orienta por papéis de gênero sexistas, dogmatizados e chancelados pelas instituições educadoras.

Você sente que tem espaço para poder realizar de forma adequada o seu papel de pai/cuidador?



A partir disso, os homens falaram sobre seu relacionamento com as crianças pelas quais são responsáveis: aproximadamente 89% afirmou que, em alguma medida, reflete sobre a qualidade do relacionamento com as crianças; 10% disse que não faz essa reflexão e 1% não soube responder, conforme pode ser verificado no gráfico abaixo.

Você reflete sobre a qualidade do relacionamento que você tem com as crianças pelas quais é responsável?

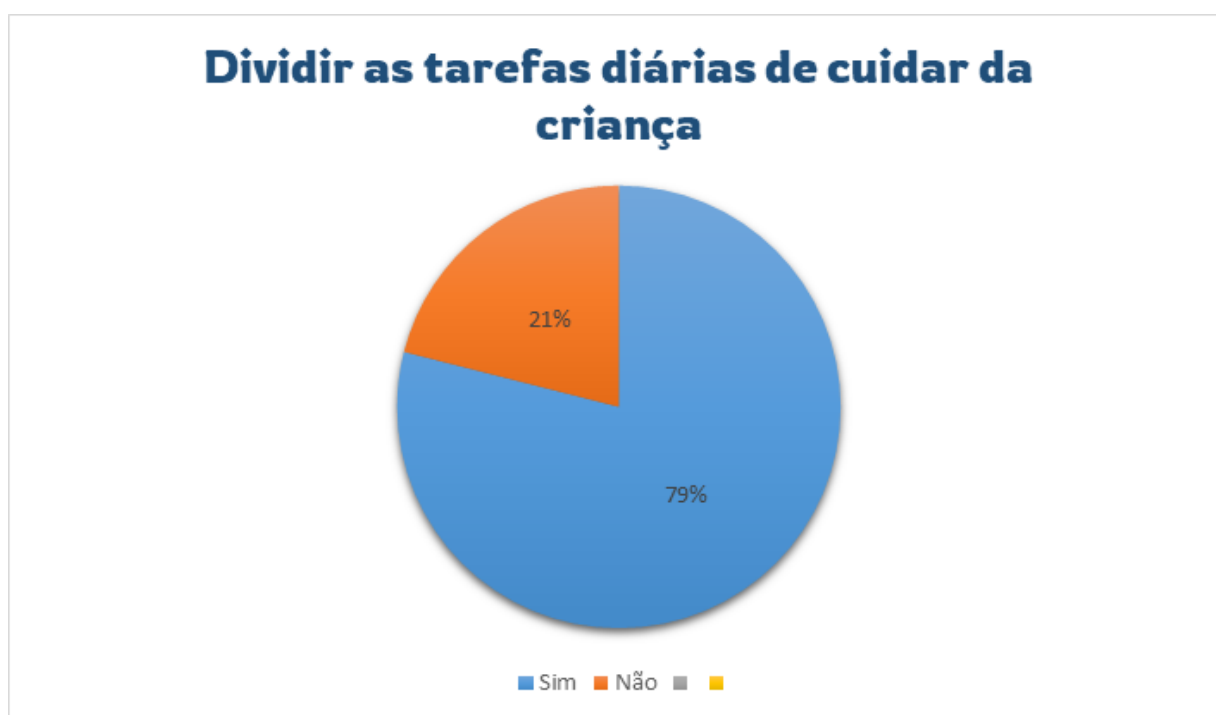


Apesar de mais da metade dos participantes do projeto afirmarem fazer essa reflexão, vale pensar que os 11% que não o fazem ou que não souberam

responder à pergunta trazem um dado simbólico: mesmo quando os homens se sentem envolvidos nos cuidados com as crianças em mais de 90%, eles podem não realizar uma reflexão sobre a qualidade do vínculo pai-filho/a – e a falta dessa reflexão pode ser, efetivamente, o que os impossibilita de se enxergar como referência na vida dessas crianças.

Isso significa que, em termos de ocupação e autonomia masculina no campo do cuidado, não basta os homens participarem efetivamente dos cuidados com seus filhos, ou mesmo se sentirem atraídos/envolvidos por este processo: é preciso refletir sobre a qualidade dessa relação para se enxergar como referência e incorporar a paternidade como um dos múltiplos fatores integrativos da identidade masculina. Acrescido a isso, é preciso que as instituições, que insistem em localizar o homem afastado do cuidado, passem por longos e contínuos processos de desconstrução, com vistas à socialização equitativa de crianças, adolescentes e jovens.

No que se refere aos cuidados efetivos com as crianças, mais da metade dos participantes (79%) afirmou que, em alguma medida, divide as tarefas diárias de cuidado, enquanto que 21% responderam negativamente.



Os achados referentes as atividades específicas de cuidado, coletados nos questionários de pré-teste e pós-teste, podem ser observados na tabela a seguir:

Atividades diárias de cuidado com as crianças

Atividade de cuidado	Resposta	Baseline	Endline
Cuidar da criança enquanto ela está dormindo	Sim	70%	100%
	Não	30%	0%
Acordar na madrugada para cuidar da criança	Sim	69,5%	100%
	Não	30,5%	0%
Organizar e/ou limpar quando a criança faz bagunça	Sim	67%	100%
	Não	33%	0%
Disciplinar a criança	Sim	76%	100%
	Não	24%	0%
Levar/buscar a criança na creche ou escola	Sim	67,5%	100%
	Não	32,5%	0%
Cuidar da criança quando está em lugares fora de casa	Sim	72,5%	100%
	Não	27,5%	0%
Levar a criança para fora (parques, caminhadas, pracinhas, etc)	Sim	80,5%	100%
	Não	19,5%	0%
Brincar com a criança	Sim	79%	100%
	Não	21%	0%
Preparar as refeições	Sim	58%	100%
	Não	42%	0%
Trocar fralda e dar banho na criança	Sim	56,5%	100%
	Não	43,5%	0%
Lavar as roupas da criança	Sim	52%	100%
	Não	48%	0%

Conforme pode ser visto na tabela acima, todos os participantes entrevistados no pós-teste responderam afirmativamente para o desenvolvimento de todas as atividades, caracterizando percentuais muito positivos. Durante a aplicação dos questionários de endline, estes homens apontavam o quanto participavam dessas atividades: alguns diziam que desenvolviam muito pouco e que gostariam de participar mais ativamente. Ainda assim, em alguma medida, eles participavam.

Se antes, na linha de base, alguns afirmavam não participar das atividades diárias de cuidados com a criança, no endline, todos apontavam para mudança de comportamento. Conforme mencionado acima, eles desenvolviam a autocrítica, dizendo que participavam “pouco” ou “mais ou menos”,

porém, esses níveis de participação já são positivos pelo fato de eles terem modificado um cenário onde muitos diziam não participar das atividades em nenhum nível. Acrescido a isso, os homens destacavam o quanto gostariam de ampliar sua participação, indicando que podem acontecer mudanças de comportamento a longo prazo.

Comparando os dados de pós-teste com os de pré-teste, observa-se que na linha de base os homens tinham tendência a realizar, em maior percentual, as atividades consideradas externas e/ou recreativas: “cuidar da criança quando está em lugares fora de casa” (72,5%); “levar a criança para fora (parques, caminhadas, pracinhas, etc)” (80,5%); brincar com a criança (79%).

Esses dados expressam aspectos da sociabilidade masculina, caracterizada pela circulação dos homens nos espaços públicos e seu afastamento do espaço doméstico. Associado a isso, os homens tendem a assumir atividades consideradas mais recreativas, envolvendo lazer e entretenimento, como brincadeiras, passeios, explorar novos lugares. No baseline, por exemplo, os cuidados exercidos no âmbito doméstico foram representados pelos percentuais menores: “organizar e/ou limpar quando a criança faz bagunça” (67%); “preparar as refeições” (58%); “trocar fralda e dar banho na criança” (56,5%); e “lavar as roupas da criança” (52%).

Na linha de base, chamou a atenção o fato de as atividades domésticas noturnas assumirem percentuais mais elevados: “cuidar da criança enquanto ela está dormindo” (70%); e “acordar na madrugada para cuidar da criança” (69,5%). A justificativa para maior participação dos homens no turno da noite se dá pela carga horária de trabalho remunerado e fora de casa em que este grupo se insere.

Os homens ainda provem, muitas vezes, a maior renda da casa – quando não constituem a única renda. Desenvolvendo atividade laboral, formal ou informal, estes homens acumulam jornadas de trabalho, conciliam mais de um formato empregatício, passam o dia fora de casa. Neste contexto, ao chegar em casa, muitas vezes, a atividade que resta é cuidar do/a filho/a enquanto este/a já está dormindo. A sobrecarga de trabalho fora de casa que submete os homens se configura como um dificultador para o estreitamento de laços pai-filho/a, pois impede que o homem dedique maior tempo à criança no dia a dia, perdendo, muitas vezes, momentos e fases importantes e memoráveis do crescimento e do desenvolvimento da criança, principalmente no período da primeira infância.

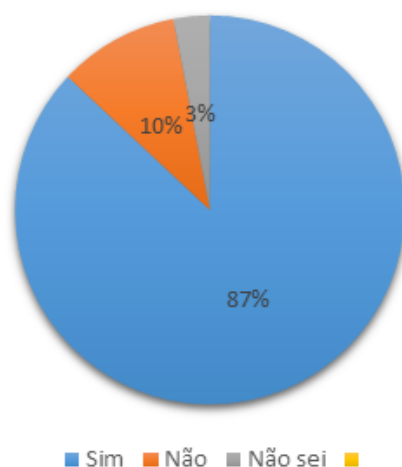
O terceiro percentual mais alto da tabela de linha de base é o item “disciplinar a criança” (76%). Este dado está atrelado ao modelo tradicional de masculinidade e de paternidade, ainda hegemônico, que historicamente estabelece posturas mais conservadoras e inflexíveis de paternidade. Neste modelo, o homem tende a assumir um papel muito mais aproximado da esfera

pública e distante do âmbito doméstico, centralizando suas preocupações na reprodução social da família e no acesso a recursos.

Quando o homem assume postura, exclusiva ou majoritária, de disciplinador, a percepção de cuidado é relacionada ao “não deixar faltar nada em casa”, associado à correção e à educação punitiva dos filhos. Vale ressaltar que este é um modelo tão engendrado de masculinidade e paternidade, que até mesmo os jovens pais tendem a reproduzi-lo e a toma-lo como referência – guiados, muito em parte, pela educação que receberam das figuras masculinas com as quais tiveram convívio.

Sobre isso, também foi perguntado aos homens se, em alguma medida, eles se sentiam preparados para não repetir com seus filhos coisas que eles consideram ruins da criação que receberam. Em torno de 87% dos homens afirmaram que se sentiam preparados, enquanto que 10% respondeu negativamente e 3% não soube responder.

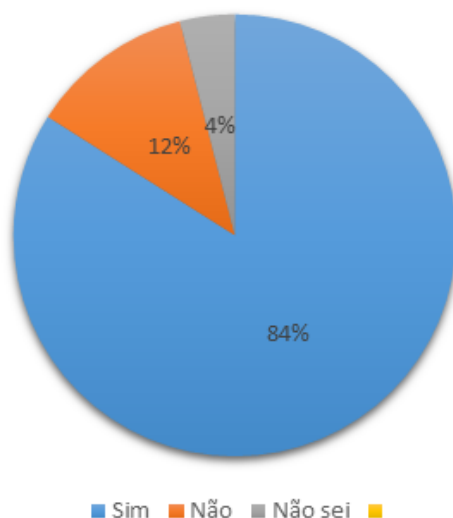
Você se sente preparado para não repetir com seus filhos coisas que você considera ruins da criação que recebeu?



Somando-se a esses achados, cerca de 84% dos participantes relatou se sentir preparado para criar seus filhos de forma não violenta; 12% disse não se sentir preparado e 4% não soube responder a essa questão.

Considerando os participantes do projeto que não se sentiam preparados e os que não souberam responder, atinge-se um percentual de mais de 15%, o que é significativo, quando se fala em educação e violência. Entre estes, o percentual dos que afirmaram com convicção não se sentir preparados para criar os filhos de forma não violenta foi o triplo dos que não sabiam responder. Este último dado indica que esses homens têm ciência de que não estão preparados para propiciar aos seus filhos uma educação não violenta. Segue o gráfico para ilustração:

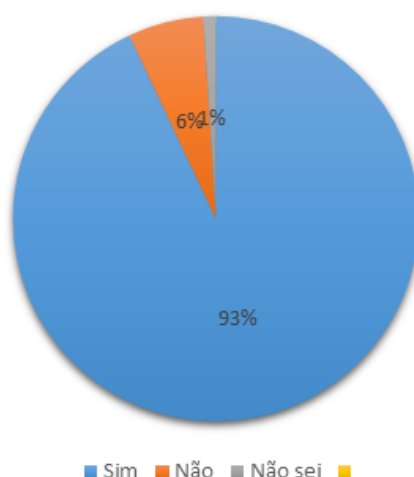
Você se sente preparado para criar seus filhos de forma não violenta?



Sabe-se que os comportamentos padronizados, absorvidos e naturalizados, ao longo da vida são difíceis de serem rompidos, o que requer processos reflexivos e autocríticos para reorientar as práticas do cotidiano. Muitas vezes, os resultados desses debates e dessas reflexões não são vistos imediatamente, mas à médio e longo prazo. Outras vezes, esses resultados se apresentam em ações do dia a dia, aparentemente sutis, mas que adquirem o potencial de impactar na realidade dos sujeitos.

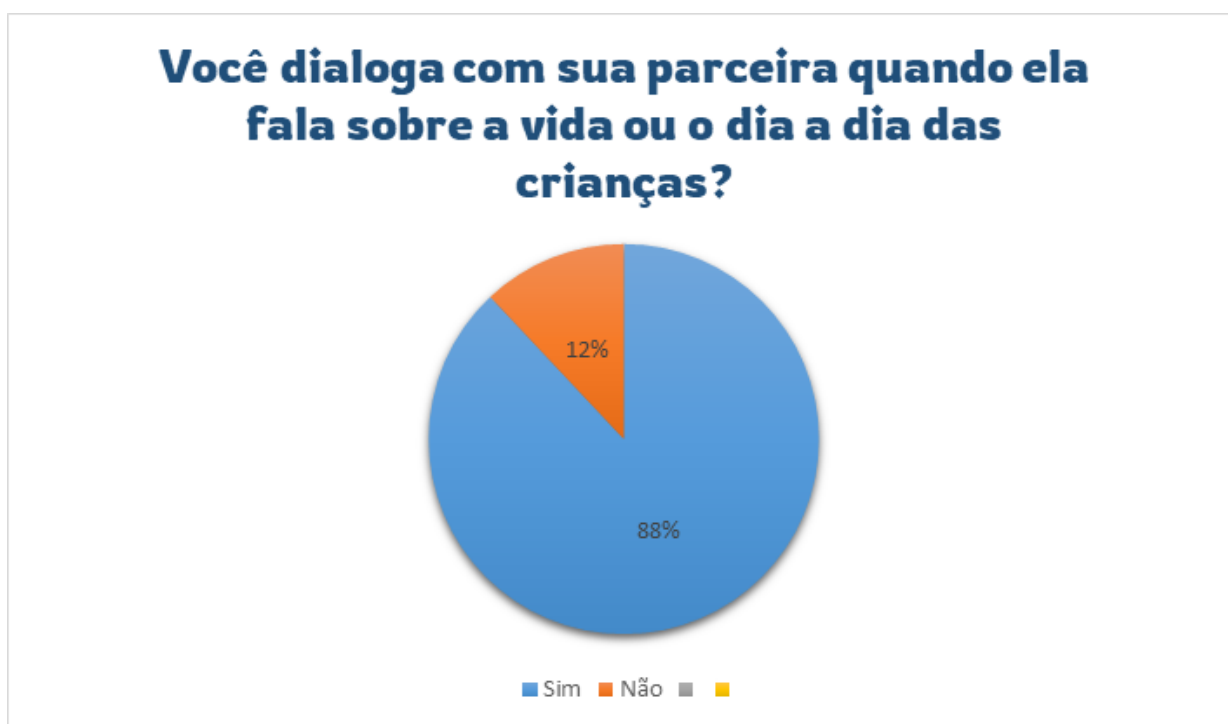
Pensando nos comportamentos diários e na necessidade da reflexão para a adoção de novas práticas, aproximadamente 93% dos participantes do projeto relataram se sentir preparados para estabelecer relações não violentas com suas parceiras; cerca de 6% disse não se sentir preparado e 1% não soube responder à questão.

Você se sente preparado para ter uma relação não violenta com a sua parceira?



93% é um percentual muito positivo, porém, é preciso analisar este dado com cautela, pois os homens ainda tendem a compreender como “violência” as ações físicas, desconsiderando práticas de violência cotidiana de forma psicológica, moral, patrimonial e até mesmo sexual. Esta última, motivada pelo senso comum ao invisibilizar o consentimento quando se trata de casais em relacionamentos considerados estáveis. Neste sentido, é positivo que os homens se sintam preparados para estabelecer relações afetivas sem violência, mas sabe-se que as tipologias de violência nem sempre estão evidentes para este grupo, que tende a percebê-las em suas formas mais explícitas.

Se violência nos relacionamentos afetivos é um fenômeno de grande magnitude, o diálogo funciona como uma estratégia de prevenção e de construção de relações mais equitativas de gênero: 88% dos participantes deste projeto relatou dialogar com suas parceiras quando elas falam sobre a vida ou o dia a dia das crianças; 12% respondeu negativamente.



O diálogo e as pactuações quanto a realização das tarefas domésticas e dos cuidados com as crianças são instrumentos importantes antes mesmo do nascimento do filho/a. Conforme pontuado anteriormente, o período da gravidez é estratégico na vinculação do homem com a criança e no reconhecimento do seu papel enquanto pai.

Conforme pode ser observado no gráfico a seguir, 78% dos homens afirmaram que seriam mais participativos, caso a parceira ou mulher com quem divide a tarefa de criação dos filhos, ficasse grávida novamente. 19% apontou que seria tão participativo numa próxima gestação, quanto foi na última; e 3% não soube dizer se seria mais ou menos participativo. Nenhum dos entrevistados apontou que seria menos participativo numa próxima gestação.

Se a mulher (sua parceira ou outra que divide com você a tarefa de criação dos filhos) ficasse novamente grávida, você acha que seria mais ou menos participativo do que na gravidez anterior?



Percepções dos facilitadores do projeto

O projeto “Uma Ilha de Paternidades” contou com a atuação de profissionais capacitados nas metodologias do Instituto Promundo. Cabe destaque aqui para os facilitadores das oficinas com os homens, que implementaram o projeto através da promoção e da mediação de discussões sobre as temáticas previstas.

Este tópico busca trazer uma breve apresentação das percepções de dois dos facilitadores do projeto. Por questões éticas que envolvem pesquisas com seres humanos, estes profissionais serão referenciados como Facilitador 1 e Facilitador 2.

Colocar em tela o olhar desses profissionais sobre o projeto e o público alvo é importante, pois eles facilitaram os grupos em contextos diferenciados, o que torna ambas as experiências bem singulares: o Facilitador 1 atuou em 2019 em um cenário onde não havia pandemia de Covid-19 no Brasil. Ele facilitou um grupo de forma presencial em um território de favela do Rio de Janeiro. O Facilitador 2 atuou no projeto em 2020 e 2021 de forma remota durante a pandemia de Covid-19, facilitando grupo no Ceará e em território de favela do Rio de Janeiro. Nesta entrevista, especificamente, o Facilitador 2 falou sobre sua experiência de facilitação com o grupo de homens do Ceará.

Para trazer as percepções dos facilitadores, foi realizada uma entrevista com cada um deles, separadamente, via contato telefônico. As entrevistas tiveram duração média de 30 minutos, cada. O roteiro de entrevista foi estruturado a partir das seguintes perguntas:

- Como a experiência de facilitação com o/s grupo/s de homens impactou na sua trajetória profissional e pessoal?
- Na sua opinião, quais são os impactos do projeto para os homens participantes? E para a sociedade?
- O que mais chamou a sua atenção na participação dos homens do/s grupo/s que você facilitou?
- Qual é o diferencial deste projeto, em relação a outros projetos sobre masculinidades e paternidades dos quais você possa ter participado?

Ao falar sobre os impactos da experiência de facilitação em sua trajetória pessoal, o Facilitador 1 disse que a vivência foi “marcante” (sic), principalmente por se tratar de um homem gay que circula em diversos espaços. Assim, ele pensa nos homens negros que estão em território de favela e que tem suas particularidades, assim como ele enquanto homem gay tem outras particularidades.

Somado a isso, o profissional apontou que isso “virou muito a chave” (sic) para ele, pois mostrou o quanto os homens precisam falar sobre suas dores, suas dificuldades e o quanto faltam espaços onde os homens possam falar sobre suas questões com outros homens. O Facilitador 1 relatou, ainda, que estar naquele espaço naquele momento foi fundamental para pensar o seu lugar no mundo.

O Facilitador 2 definiu essa vivência como “um aprendizado gigante” (sic), pois apesar de ter experiências de facilitação de grupos com homens, ele refletiu sobre questões do seu cotidiano onde ele, enquanto pai, vê maiores possibilidades de adotar uma abordagem “mais aberta” (sic) através de uma educação menos vertical e menos rígida com seu filho.

Quanto aos impactos da experiência em sua trajetória profissional, o Facilitador 1 afirmou se sentir mais instrumentalizado para pensar em outros âmbitos de sua formação. Segundo o profissional “é necessário a gente refletir e pensar sobre o lugar desses homens” (sic), uma vez que “o projeto é muito potente para eu rever os espaços em que eu já transitava” (sic).

Para o Facilitador 2, a experiência foi fundamental para sua trajetória profissional, pois demandou que ele adaptasse sua abordagem de acordo com a regionalidade dos participantes. Para o profissional, esta foi uma experiência diferente do que ele estava acostumado a trabalhar, por se tratar de um grupo de homens da região nordeste, onde as discussões sobre gênero, masculinidades e paternidades têm singularidades.

No que se refere aos impactos do projeto para os homens participantes, o Facilitador 1 pontou que o grupo com o qual ele atuou se caracterizava por ter vínculos familiares considerados fragilizados, cujos homens tinham dificuldade de se aproximar de suas companheiras devido a cargas e demandas

(objetivas e subjetivas) do cotidiano. Inseridos em contextos precarizados de trabalho, estes homens verbalizavam que se eles adoecessem, a manutenção de sua família ficaria comprometida.

De acordo com o relato do Facilitador 1, apesar das adversidades que atravessam as vivências desses homens, no decorrer do tempo eles começaram a pensar no seu papel de cuidado para além do provimento de recursos materiais. O profissional chegou a mencionar um participante do grupo que levava seu filho aos encontros, pois “ele achava importante ter um momento com o filho durante o dia, assim como achava importante que a companheira tivesse um momento só para ela ao longo do dia” (sic).

O Facilitador 1 apontou, ainda, impactos imediatos observados ao longo do grupo: a saúde do homem e o acesso aos serviços de saúde foram trabalhados com os participantes que, algumas semanas depois, chegavam no grupo contando que haviam agendado consulta em serviços de saúde.

Ao falar sobre os impactos do projeto para os homens, o Facilitador 2 apontou que as discussões promovem reflexões sobre a paternidade que os homens exercem e as possibilidades de mudanças que eles podem alcançar no futuro. O profissional afirmou que, ao final da implementação do projeto com os homens, eles apresentavam reflexões e questionamentos sobre a educação que receberam e se mostraram mais dispostos a experimentar formas de paternidade menos conservadoras.

No que diz respeito aos impactos do projeto para a sociedade, o Facilitador 1 indicou um impacto comunitário, pois os homens conversam com outros homens do território sobre os assuntos trabalhados no grupo. O profissional acrescentou, ainda, que estes homens tinham momentos de lazer, como jogos de futebol, onde eles também conversavam sobre as temáticas abordadas no grupo.

Para o Facilitador 2, o projeto tem o potencial de impactar no convívio social, pois promove discussões sobre paternidades, autocuidado, cuidado com o/a parceiro/a. Segundo o profissional, há possibilidades de melhora na qualidade de vida das mulheres, pois há mudanças quando o homem divide as tarefas e assume um papel mais equitativo. O profissional pontuou, ainda, que “todo mundo sai ganhando com isso” (sic).

Ao falar sobre o que mais chamou a atenção no grupo que facilitou, o Facilitador 1 destacou “a vontade dos homens falarem” (sic). Segundo o profissional, os participantes do grupo tinham uma demanda de fala muito grande e o espaço funcionava como uma rede de apoio, de fala, de troca de experiências. O facilitador lembrou que, muitas vezes, não era necessário introduzir uma temática, pois quando ele perguntava “Como foi a semana de vocês?” (sic), emergiam diversas questões onde os homens verbalizavam sentimentos, situações cotidianas, seu dia a dia nas relações afetivas.

Para o Facilitador 2, o que mais chamou a atenção foi a própria regionalidade dos participantes, que os localiza em um papel de paternidade enrijecido. O profissional apontou ter se surpreendido, pois “apesar de se tratarem de homens jovens, de vinte e poucos, trinta anos, parecia que estava abordando homens de 50 anos atrás” (sic). O facilitador mencionou que a paternidade desses homens não “dava muita abertura” (sic) para os filhos, “como se o filho não tivesse muita liberdade para falar sobre gênero” (sic). Diante disso, o Facilitador 2 apontou que foi preciso realizar uma abordagem específica para este grupo, a fim de contemplá-lo e impactá-lo de forma mais eficaz.

Como diferencial deste projeto, o Facilitador 1 salientou que este “não é um projeto desenhado verticalmente, o que faz toda a diferença, porque a gente ter a oportunidade de repensar o nosso próprio trabalho” (sic). Adicionalmente, o profissional elucidou que este é um projeto de composição junto aos homens através de uma construção coletiva, especialmente em contextos periféricos, onde o acesso a serviços e políticas públicas são reduzidos. O Facilitador 1 afirmou, ainda, que esse projeto se diferencia pela singularidade dos homens poderem falar com outros homens, o que não é algo comum em outros projetos.

Para o Facilitador 2, o projeto se diferencia por tratar de temáticas sensíveis de forma leve e criativa, promovendo o ambiente como um todo e não somente a paternidade.

Percepções dos participantes do projeto

Assim como captar as percepções dos profissionais que atuam no projeto é importante, também se torna fundamental acolher as devolutivas dos homens que passam pela experiência de participarem do projeto. O Instituto Promundo entende que estes homens têm maiores possibilidades de apontar o quanto as metodologias têm funcionado e o que pode ser reorientado, funcionando como um medidor para repensar as próximas ações.

Somado a isso, vale destacar que apesar de ser implementado em um período específico, a vinculação dos facilitadores com os homens egressos do projeto se mantêm. Apesar de não dar continuidade ao envio de atividades previstas pelo projeto, eventualmente os profissionais recebem mensagens dos antigos participantes, compartilhando experiências e contando sobre seu cotidiano enquanto pais.

Este é um efeito não previsto pelo projeto, já que não necessariamente os egressos precisam manter contato com os facilitadores. E, apesar de não haver uma expectativa inicial de que o vínculo permanecesse, cabe ressaltar o quanto isso é positivo, pois ratifica que os impactos do projeto extrapolam o período de envio de atividades e que estes homens seguem compartilhando suas experiências com os facilitadores, ainda que não sejam diretamente incentivados pelos profissionais a isso.

Para ter uma dimensão dos impactos do projeto na vida dos homens, serão apresentadas abaixo algumas falas de antigos participantes. Em consonância com os aspectos éticos que visam garantia de sigilo e privacidade, sua identidade foi preservada.

“A gente acaba tendo experiência com outros pais e aprende algumas formas diferentes de educar os nossos filhos. Eu indico o projeto para qualquer homem que queira conhecer experiências novas com a paternidade” (Ex participante do projeto, Ceará).

“Ao interagir com outros pais mais jovens, tive uma outra visão de como é ser pai nos dias atuais. Hoje em dia eu educo meus filhos com muito mais conversa. Acho que todos os pais deveriam ter a oportunidade de passar por essa experiência, se atualizando com novos métodos para orientar seus filhos” (Ex participante do projeto, Rio de Janeiro).

“O projeto me ajudou a ter mais compreensão. Hoje em dia eu presto mais atenção nos meus filhos e converso mais com eles. Participar do projeto foi muito gratificante e eu já estou até com saudades” (Ex participante do projeto, Rio de Janeiro).

Em todas as falas acima é possível identificar que estes homens se sentiram beneficiados pelo projeto na maneira de cuidar de seus filhos. A prática do diálogo surge nos relatos desses homens como um novo caminho para educar sem violência. Outro elemento, como a partilha de experiências com outros pais – inclusive mais jovens – ganhou destaque, já que eles começam a perceber maior diversidade na paternidade, que assume um caráter mais flexível e menos impositivo.

Ter novas referências é importante para esses homens, uma vez que eles enxergam comportamentos nos quais eles desejam ou não desejam se inspirar. Seus relatos apontam não somente para a possibilidade de mudanças no futuro, mas para transformações concretas que já estão em curso, como a prática de diálogo e maior atenção dispensada aos filhos. Reafirmando os benefícios gerados pelo projeto, estes homens destacam a importância de que outros homens possam também participar.

O reconhecimento deste público é fundamental para a manutenção e a qualificação do projeto, de forma que este possa ser aprimorado e implemen-

tado com cada vez mais qualidade. Além disso, os relatos desses homens assumem legitimidade, uma vez que o público masculino tende a valorizar e levar em consideração aquilo que é dito por outros homens. Neste sentido, quando os antigos participantes falam que indicam o projeto e/ou que recomendam para outros homens, eles estão atuando como agentes multiplicadores, incentivando a participação de outros homens.

Lives, seminários e campanhas promovidos pelo projeto

Além da implementação do projeto de forma remota, entre 2020 e 2021, houve uma série de eventos que aconteceram virtualmente, trabalhando temáticas como gênero, raça/etnia, masculinidades e paternidades, a saber:

- II Seminário sobre paternidades (2020);
- Lives sobre paternidades e cuidados (2020);
- Campanha Online de Comunicação – Educar sem violência (2020/2021).
- II Seminário sobre paternidades

Oficialmente intitulado “Paternidades: desafios e oportunidades”, este evento é produto da parceria entre a Rede Nacional Primeira Infância (RNPI), através do Grupo de Trabalho Homens pela Primeira Infância (GT HPI), com o projeto Uma Ilha de Paternidades. Seu objetivo central foi oferecer propostas de ações para a Rede, focando em questões estruturais e os marcadores étnico-raciais.

Este evento integrou o II Seminário do projeto Uma Ilha de Paternidades, desenvolvido pelo Instituto Promundo e pela Secretaria Executiva ANDI/RNPI, no âmbito do projeto Primeira Infância é Prioridade, com patrocínio da Petrobrás.

Por assumir um caráter virtual, este evento foi transmitido via canal no YouTube e atingiu mais de mil visualizações, somando os dois dias de evento. Entre o primeiro dia de evento e o segundo, que aconteceram com intervalo de quatro meses, as gravações das transmissões alcançaram mais de 4500 acessos, de acordo com os dados fornecidos pelo YouTube.

O benefício gerado pela virtualização do evento se dá por seu grande alcance, uma vez que os seminários foram acessados por profissionais do Brasil inteiro. Conforme pontuado acima, o evento foi dividido em dois dias: dia 1 “O cenário das paternidades no Brasil” e dia 2 “Desafios e possibilidades: paternidades diversas”.

Dia 1 “O cenário das paternidades no Brasil”

O primeiro dia de evento contou com mais de 80 participantes durante a transmissão ao vivo, via YouTube, e atingiu cerca de 600 visualizações. Analisando os dados de inscrição e os comentários feitos pelos participantes, identificou-se que grande parte do público foi constituída por gestores públicos, representantes de organizações da sociedade civil e sujeitos envolvidos e/ou interessados pela temática.

O evento contou com a participação de especialistas nas temáticas discutidas, promovendo discussões crítico-reflexivas. Entre estes, estavam: Eduardo Chacora (ANDI/RNPI), Viviana Santiago (Plan International), Daniel Lima (RNPI) e Luciano Ramos (Gerente do projeto e Consultor do Instituto Promundo).

Deste encontro, foram extraídas recomendações objetivando a viabilização de transformações das paternidades que estão postas atualmente:

1. Envolvimento de homens e mulheres nas dinâmicas de cuidado;
2. Continuidade do engajamento e compromisso da Rede Nacional da Primeira Infância com a defesa e promoção dos direitos da primeira infância: “Plano Nacional pela Primeira Infância (PNPI)”;
3. Desenvolvimento de diversas atividades sobre parentalidade e paternidades, pela Rede Nacional da Primeira Infância, reconhecendo que essas temáticas são fundamentais no cuidado de crianças na primeira infância. Para isso, há uma plataforma de educação à distância, oferecendo curso de capacitação para gestores, com vistas ao desenvolvimento de planos municipais para a primeira infância em seus territórios;
4. Continuidade de programas como o “Criança Feliz”;
5. Interface com o Governo para trabalhar parentalidade no âmbito do cuidado, pensando a lógica de cuidado integral com crianças;
6. Revisão para continuação do “Plano Nacional pela Primeira Infância” (PNPI), em todos os seus aspectos;
7. Discussão do orçamento público destinado à primeira infância;
8. Consolidação da Rede Nacional da Primeira Infância no movimento cívico, objetivando implementação, disseminação e manutenção do Marco Legal da Primeira Infância, dialogando com o exercício da parentalidade;

9. Revisão do Guia para Elaboração do Plano Municipal pela Primeira Infância;
10. Desenvolvimento da plataforma “Observa – Observatório do Marco Legal da Primeira Infância”, que se caracteriza como uma ferramenta de monitoramento virtual e oferece insumos para formulação, implementação e acompanhamento de políticas públicas direcionadas à primeira infância, a fim de contribuir para a garantia da prioridade desta agenda em âmbito local e nacional.
11. Pensar nas estruturas do “cuidado de quem cuida”, refletindo sobre a construção dos lugares de cuidado e questionando as normas tradicionais de gênero.

Ilustrações de momentos significativos do evento:



Dia 2 “Desafios e possibilidades: paternidades diversas”

No segundo dia de evento a discussão foi centralizada no Relatório da Situação das Paternidades no Brasil, de 2018, onde Daniel Lima, que coordenou a elaboração do relatório, apresentou um panorama do documento. Este evento contou com aproximadamente 500 acessos e, assim como o primeiro, também está disponível no YouTube. Chamou a atenção da organização do evento a participação ativa de profissionais, estudiosos e sujeitos interessados em discutir a temática.

Este evento foi mediado por Luciano Ramos, Gerente do projeto e Consultor do Instituto Promundo, contando com a participação de Daniel Lima (RNPI), Noah Schefel (desafios das paternidades transexuais), Bruno Wahsager (exercício de paternidades com filhos e filhas com deficiências) e Paulo Tardivo (paternidades no contexto de relações homoafetivas).

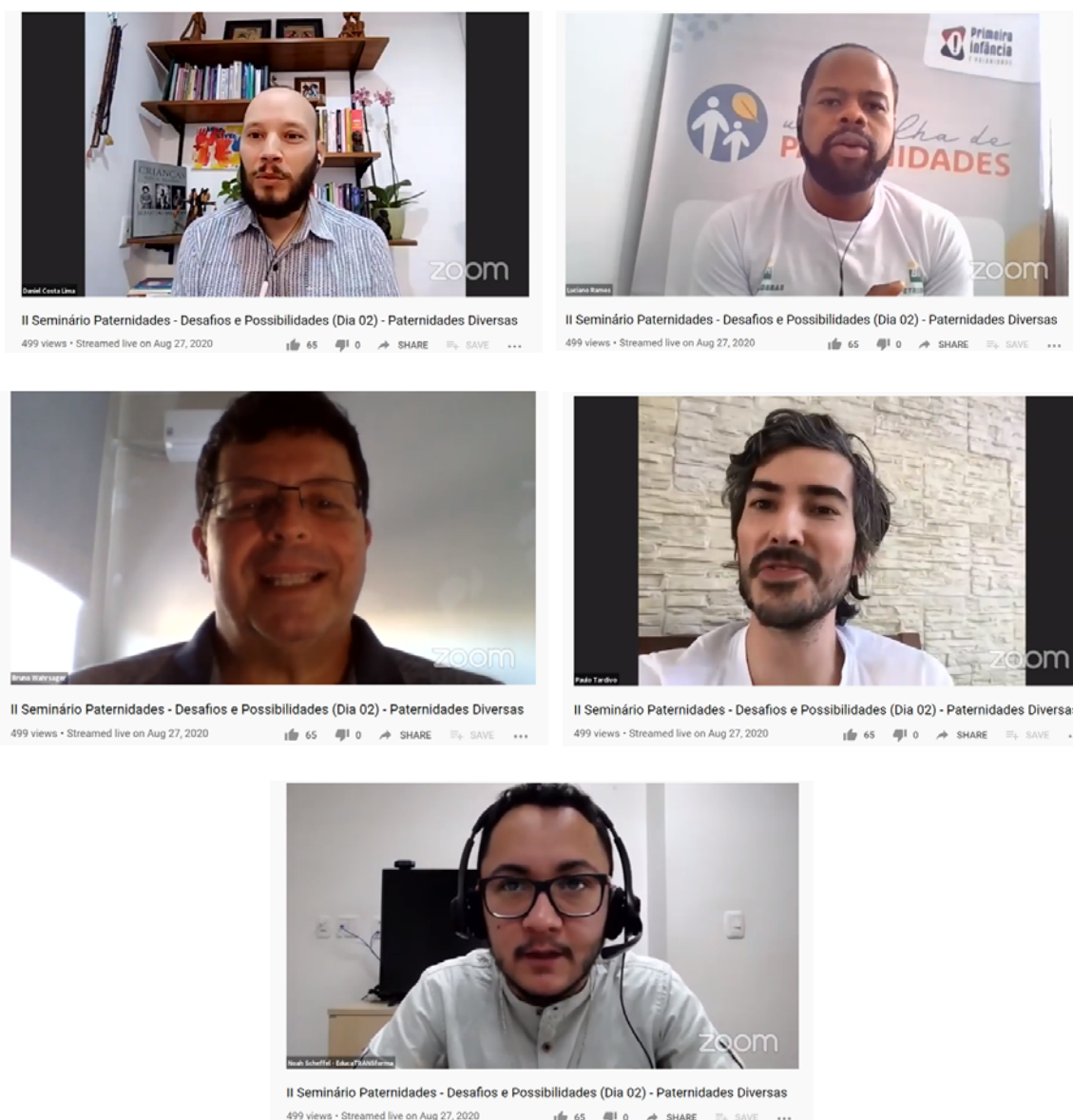
Os convidados compartilharam suas experiências, trabalhando o tema das paternidades sem tabus, construindo um espaço formativo com linguagem acessível e horizontal. Neste sentido, as recomendações levantadas, a partir deste evento, foram:

1. Abordar paternidades com interseccionalidades;
2. Enxergar as paternidades como um movimento plural;
3. A importância de políticas públicas considerarem as parentalidades como um movimento de cuidado;
4. Realizar intervenções a partir das paternidades diversas;
5. Desenvolver mais estudos que subsidiem intervenções assertivas sobre paternidades.

Ilustrações de momentos significativos do evento:



- Lives sobre paternidades e cuidados



Semana 1 “Paternidades e Periferia

Participação: Leonardo Brasil

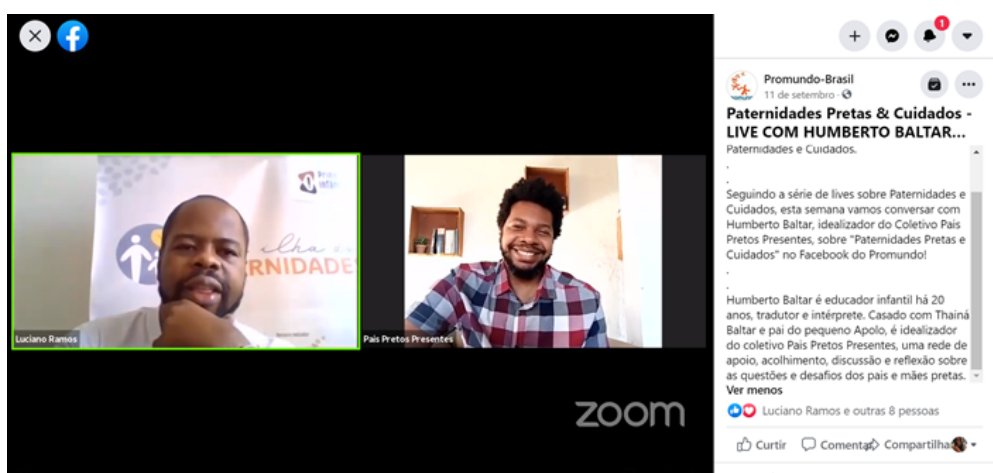
Esta live aconteceu no dia 07 de agosto de 2020 e contou com a participação de Leonardo Brasil, Educador Físico e Consultor do Instituto Promundo em metodologias e atividades. O profissional compartilhou sua experiência de paternidade, falando sobre os cuidados com o filho e com a construção de uma relação equitativa de gênero junto a sua parceira. Este evento alcançou 383 visualizações.



Semana 2 “Paternidades Pretas”

Participação: Humberto Baltar

Esta live aconteceu em 14 de agosto de 2020 e contou com a participação de Humberto Baltar, idealizador do coletivo Pais Pretos Presentes. O profissional desenvolveu uma análise sobre as paternidades pretas no Brasil, apresentando seus desafios e suas perspectivas. Humberto abordou, ainda, a importância de trabalhar empoderamento com crianças pretas e seus principais desafios. Esta live atingiu cerca de 100 visualizações.



Semana 3 “Pai de Menina”

Participação: Genival André

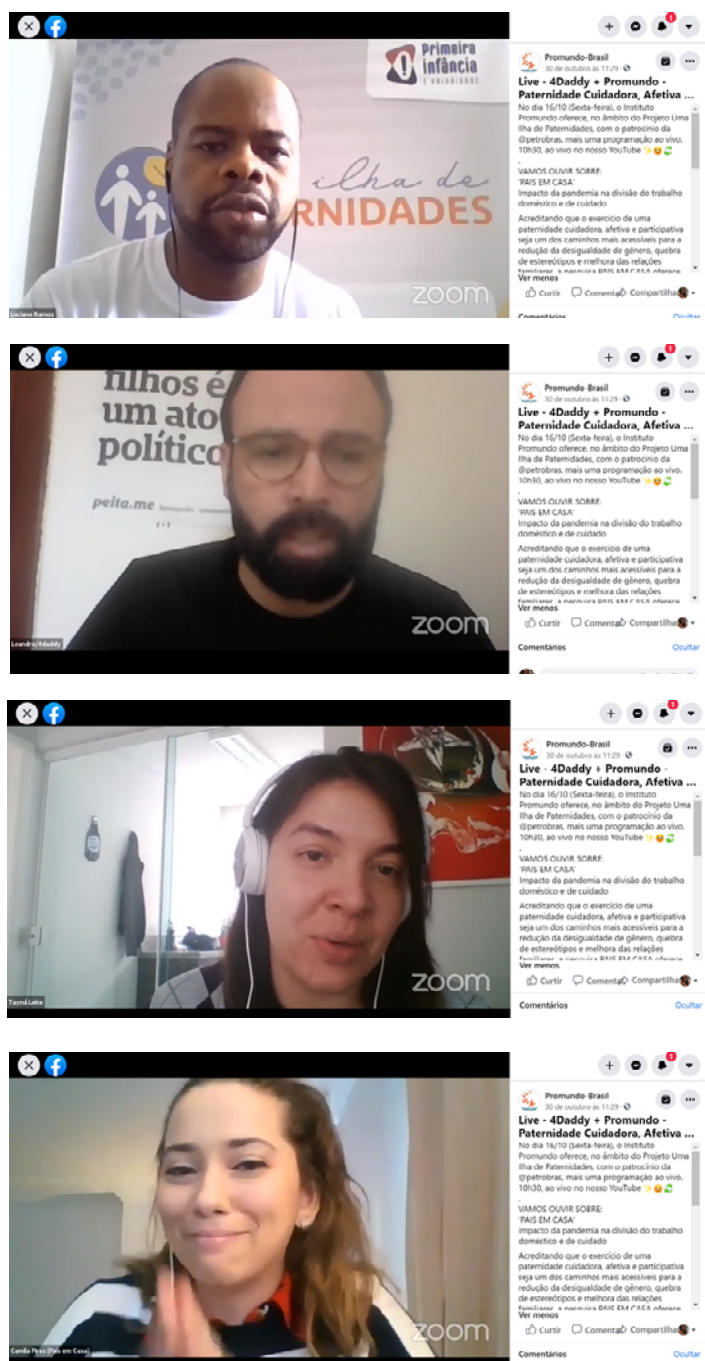
Esta live ocorreu em 21 de agosto de 2020 e contou com a participação de Genival André, que atua como líder comunitário do Morro dos Prazeres, localizado no Rio de Janeiro. O profissional compartilhou sua experiência em ser pai de uma menina em um contexto periférico, onde ele explicitou que homens e mulheres podem desenvolver os mesmos cuidados, contribuindo para a realidade de pais periféricos. Este evento teve cerca de 150 visualizações.



Semana 4 “Pesquisa Pais em Casa”

Participação: Leandro Ziotto, Camila Pires e Tayná Leite (4Daddy)

Esta live aconteceu em 16 de outubro de 2020 e contou com a participação de Leandro Ziotto, Camila Pires e Tayná Leite, onde os profissionais apresentaram a pesquisa “Pais em casa”, desenvolvida pela 4Daddy em parceria com o Instituto Promundo e outros parceiros. A pesquisa teve como objetivo analisar a paternidade durante a pandemia de Covid-19 e apontou para a necessidade de mudanças estruturais na sociedade, rumo ao alcance da equidade de gênero. Este evento teve cerca de 150 visualizações.



- Campanha Online de Comunicação – Educar sem violência

A campanha “Educar sem violência” se constitui como uma das ações do projeto “Uma Ilha de Paternidades”, com o objetivo de ampliar o repertório dos homens-pais para educar sem violência. A campanha se estruturou da seguinte forma: 8 peças informativas (cards) + 1 vídeo institucional.

O processo desde o planejamento, montagem de identidade da campanha, produção de cards, aprovação de materiais e postagem nas redes sociais, teve duração de 30 dias, aplicadas no período compreendido entre 11 de dezembro de 2020 e 20 de abril de 2021.

Esta campanha aconteceu de forma coletiva em todas as suas etapas: inicialmente, foi definido o mote da campanha com os homens-pais, em reuniões onde os possíveis temas foram discutidos; posteriormente, o Coordenador de Comunicação elaborou as peças em parceria com o Gerente do Projeto; em seguida, o Coordenador de Comunicação enviou o material para aprovação da Gerente responsável pelo projeto na Petrobrás; após essas etapas, as peças eram compartilhadas com o grupo de Whatsapp de gestão para, em seguida, ser encaminhadas ao grupo de facilitadores, para que estes opinassem e enviassem ao grupo de homens-pais para aprovação.

Após todo este percurso, as peças foram disseminadas nas redes sociais do Instituto Promundo (Facebook, Instagram e Twitter). Houve métrica de controle analítico no aumento de visualizações de 1,3% no Instagram, mais de 2000 pessoas no Facebook e mais de 2500 impressões no Twitter, ao longo do período da campanha.

Segue ilustração, com registros das imagens disseminadas nas redes sociais do Instituto Promundo:



Considerações Finais

Os dados trabalhados neste relatório indicam que as temáticas de masculinidades e paternidades constituem pautas cada vez mais necessárias e urgentes a serem trabalhadas pelo terceiro setor e pelas políticas públicas.

Os achados referentes aos ciclos 1 e 2, chamaram a atenção para a categoria “trabalho” na vida dos homens: observou-se que com a pandemia de Covid-19, ampliou-se o contexto de informalidade. Associado a isso, foi possível identificar o homem como principal fonte de renda familiar, fazendo com que o trabalho assuma centralidade na vida desse público.

Um dado positivo foi que os homens atribuíam importância à participação nas consultas de pré-natal e à presença no momento do parto, indicando algum grau de conhecimento sobre seus direitos enquanto pais nos serviços de saúde, durante a gestação e o momento do parto.

As discussões referentes a cuidados advindos de homens e mulheres se mostraram mais desafiadoras para estes homens, que ainda tendem a enxergar na figura feminina a referência de cuidado para as crianças. Cuidados que exigem maior contato corporal entre o pai e o bebê também representam um desafio, principalmente quando o bebê é menina.

Ainda nos ciclos 1 e 2, através dos discursos dos homens, observou-se uma disponibilidade em se fazer presente nos espaços de saúde e educação, o que é um dado positivo.

Verificou-se também que, ao longo da implementação do projeto, houve uma queda significativa de homens que se consideravam preparados para se tornar pais. Isso evidencia o quanto estes homens desenvolveram maior autocrítica, refletindo sobre a complexidade da paternidade e as demandas e responsabilidades implicadas nessa experiência.

Os dados também apontam que estes homens passaram a se perceber menos como provedores do lar: antes do projeto iniciar, essa era a maior referência que eles tinham de si mesmos; com o decorrer do projeto, essa autoimagem foi se modificando.

Todos os homens concordavam, em algum nível, com a importância de conversar com outros pais sobre suas experiências, indicando que estes sujeitos estão disponíveis a romper com estereótipos de gênero que colocam o homem em um lugar de silenciamento e repressão dos sentimentos.

A divisão de tarefas domésticas se mostrou como um dos fatores que precisam ser cada vez mais trabalhados com os homens. Levando em consideração o caráter flexível e adaptável do projeto, ao observarem este ponto, os

facilitadores tiveram a possibilidade de aprofundar com o público-alvo atividades centralizadas nessa temática.

Também observou-se uma melhora nos dados referentes ao autocuidado e ao bem-estar físico e mental dos homens, que passaram a concordar mais quanto a importância do cuidado consigo para serem “bons pais”.

Os dados encontrados nos ciclos 3 e 4 chamam a atenção para o fato de que mesmo quando se sentem envolvidos nos cuidados com as crianças, os homens têm dificuldades em se reconhecer como figuras de destaque no âmbito do cuidado.

No início do projeto, os homens desses ciclos tendiam a desenvolver mais as atividades consideradas externas e/ou recreativas, enquanto que as atividades dentro do âmbito doméstico eram preteridas por este público. Por outro lado, no que se refere à disciplina das crianças, os homens pareciam, desde o começo do projeto, ocupar um papel de destaque, evidenciando modelos tradicionais de paternidade, pautados na correção e na educação punitiva.

Os dados de endline dos ciclos 3 e 4 foram surpreendentemente positivos: todos os homens responderam afirmativamente para as atividades domésticas contempladas no questionário de pós-teste. Algumas atividades, como “preparar as refeições”, “lavar as roupas da criança” e “trocar fralda e dar banho na criança”, tiveram aumento de percentual de mais de 40%, ao comparar o período de aplicação do pré-teste e do pós-teste.

Desde o começo do projeto havia a expectativa de mudanças de comportamentos nestes homens, porém, a expressividade dos dados excede o que se esperava. Mais interessante que o significativo aumento percentual, foram os relatos dos homens ao longo da aplicação de questionários, que faziam autocrítica e reconheciam que, muitas vezes, tinham uma participação abaixo do que eles mesmos desejavam.

Fazendo um breve comparativo entre os ciclos iniciais do projeto (1 e 2) e os ciclos mais recentes (3 e 4), percebe-se que os aumentos percentuais dos ciclos mais recentes são mais expressivos, mesmo em um contexto de pandemia de Covid-19. Neste sentido, cabe destacar a relevância da execução do projeto, ainda que em formato virtual, e seu potencial de impacto na realidade dos participantes.

Outro ponto interessante é que, para além dos dados apresentados neste relatório, os relatos dos participantes e dos profissionais envolvidos indicam que suas experiências com o projeto se mostraram positivas: dentro de suas especificidades de inserção no projeto, participantes e facilitadores apontaram para os benefícios dessa vivência, destacando suas contribuições reflexivas e práticas, no que se refere aos comportamentos e ações desses grupos.

Finalmente, vale registrar que apesar das adversidades impostas pelo contexto de agravamento da crise sanitária e social, em decorrência da pandemia de Covid-19, o projeto manteve suas atividades de divulgação e socialização de experiências, que foram adaptadas para o formato de lives, seminários e campanhas virtuais. Neste sentido, adotou-se como estratégia a democratização do acesso às metodologias aplicadas no projeto via plataformas digitais. Sem dúvidas, este foi um desafio imposto pela atual conjuntura. Contudo, ratificou-se a importância e a necessidade de promover espaços virtuais de discussão, como ambientes de troca, aprendizado e disseminação de debates fundamentais para a transformação societária.